

SUMMARIO

	Pags.
<i>Para que serve a ASSOCIAÇÃO?—</i>	
de AUGUSTO R. DE CARVALHO	3
<i>Homenagem da REVISTA DE ENSINO,</i>	
de AUGUSTO R. DE CARVALHO	9
QUESTÕES GERAES	
<i>A Revolução Franceza,</i> de JOSÉ FELICIANO	11
<i>Educação physica,</i> de AUGUSTO R. DE CARVALHO	16
PEDAGOGIA PRATICA	
<i>Paginas civicas,</i> do DR. JOÃO KOPKE	25
<i>Notas de portuguez,</i> de LUIZ CARDOZO	29
LITERATURA	
<i>Sete de setembro,</i> de A. PEIXOTO	31
<i>As caravelas,</i> de A. PEIXOTO	32
<i>Casimiro de Abreu,</i> de MARIA AMALIA	33
<i>Canto extremo de um cego,</i> de BRUNO SEABRA	34
PELA IMPRENSA EXTRANGEIRA	
<i>Primeiro congresso dos professôres americanos,</i>	
do PROF. E. GUARINI	35
DIVERSOS	
<i>Orthographia da lingua portugueza,</i> do VISCONDE DE ARAGUAYA	37
<i>Instrucção gratuita e obrigatoria,</i> de HENRIQUE HOUSSAYE . .	39
Movimento associativo	
Noticiario	
Annuncios	



REVISTA DE ENSINO

ORGAM

— DA —

Associação Beneficente

— DO —

PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO



REDACTOR--SECRETARIO

AUGUSTO RIBEIRO DE CARVALHO

REDACTORES EFFECTIVOS:

THEODORO JERONYMO RODRIGUES DE MORAES

BENEDICTO MARIA TOLOSA

ANTONIO PEIXOTO, JUSTINIANO VIANNA

PUBLICAÇÃO TRI-MESTRAL



NUMERO 4



TYPOGRAPHIA NACIONAL

— DE —

CARLOS BORBA

Rua 11 de Agosto, 29—(Antiga do Quartel)
S. PAULO

REVISTA DE ENSINO

A INSTRUÇÃO MILITAR

S. Paulo, Dezembro de 1908

Parece que está meia anarchisada a instrução militar nas escolas publicas do Estado, mórmente nas escolas reunidas e grupos escolares.

Não existe, nessas instituições didacticas, uma orientação preconcebida; não ha um plano preestabelecido de ensino, nem uma exposição methodica e detalhada da disciplina a transmittir: o programma de exercicios militares é uma synthese muito resumida dos conhecimentos, que devem perulstrar o pequeno estudante primario. Resultado de uma gestação enfermiça, deixa ao criterio do instructôr o desenvolvimento da materia.

Cabe este commentario a muitas das disciplinas do plano geral dos estudos dos grupos e da escola supposta *modelo*.

Comtudo, a Inspectoria Geral do Ensino reconheceu as vantagens dos programas analyticos e, nas *Instrucções* para a execução do de 1905, elucidou todos os topicos, ensinando mesmo, aos inexperientes do magisterio, qual a marcha e quaes os passos a seguir, prendendo assim o professor primario na estrada da intuição e dos verdadeiros methodos, e evitando, pelas *Observações* frequentes, que o mestre se afaste das legitimas rôtas e

as digressões pelos atalhos, que deturpam os processos pedagogicos.

O programma de ensino dos grupos escolares, como está actualmente, é muito mais adcantado que o da *escola-modelo* e revela a muita ponderação dos espiritos que o elaboraram.

Preenche cabalmente os fins que preoccuparam a Directoria do Ensino.

Ha, de facto, em vigôr, dois planos de estudo, que se dizem servir para os grupos escolares: um é o adoptado na *escola-modelo*; outro, é o verdadeiro, que se acha por toda a parte, folheado quotidianamente, nas pastas dos professores publicos.

Não é preciso um grande esforço de raciocinio para se deduzir tamanha anomalia. Chegámos a esta perfeição: a *escola-modelo* foi e deve ser o padrão para os grupos escolares; e, no emtanto, os grupos escolares—estabelecimentos de instrução eminentemente populares—é que estão servindo de modelo ás escolas reunidas, annexas á Escola Normal.

O programma desenvolvido da Inspectoria do Ensino é, apenas, uma sugestão bem intencionada e animadora, pois não é possivel sujeitar todas as escolas e todos os professores a um mesmo molde, ntroi-

duzindo no ensino as nefastas consequências da rotina e da burocracia.

Demais, a Inspectoria da Instrução sabe que, quanto aos methodos didacticos, não é melhor o que possa estar escripto, nos regulamentos, mas sim aquelle que, na pratica, dê melhores resultados.

Pelo programma de ensino que os rege, alta, aos alumnos das escolas annexas, capacidade para se aprofundarem nos *penetraes* de algumas sciencias. Os alumnos de grupos escolares, com a mesma idade e com os mesmos principios — os filhos da pobreza — revelam uma aptidão extraordinaria para os estudos scientificos, mórmente para os *difficilimos* exercicios arithméticos, os mais rudimentares.

A capacidade intellectual do *alumno-modelo* não vae, em arithmetica, por exemplo, além dos *elementos da numeração, das quatro operações sobre inteiros, sobre decimaes e quebrados e systema metrico*; a capacidade *genial* dos *alumnos de grupo* ultrapassa a capacidade paralytica dos *alumnos-modelo* e os leva á loucura de aprender *proporções* e as operações que della derivam, como as *regras de tres, de juros, de cambio, etc.*

Si *proporção* é a egualdade de dois *quocientes, proporção* nada mais é que *divisão*. Logo, quem aprende a divisão — esse calculo theocratico inverso á multiplicação — pôde, com maior força de razão, mais tarde, já mais amadurecido nos conhecimentos e nos dias, continuar a estudar a mesma operação, sob o *assombroso* nome de *proporções*.

Fizemos parte de ^{*}uma banca examinadora de arithmetica, no grupo escolar da Barra Funda, para vêr qual das alumnas diplomandas mereceria um premio offerecido á classe.

Passámos, ás mocinhas do 4.º anno, cinco problemas, em que entravam as ma-

terias do programma; e, das doze alumnas, *oito* obtiveram nota *optima* pelas respostas acertadas e pelo capricho e asseo de suas composições.

Não era uma pantomima a que assistiamos, nem uma comedia habilmente ensaiada, que nos repasmava.

Satisfeitos com esse successo, que recommenda os fóros da instituição modesta de ensino avêssa ás encenações de fim de anno — obrigamol-as á solução decisiva de mais um problema de *regra de tres composta*, pelo methodo da *redução á unidade*; e, das *oito*, ainda *cinco* meninas mantiveram o brilhantismo do exito.

Sómente a sorte, agora, poderia intervir, com seus caprichos, para conferir a recompensa. Foi o que se deu.

A vista dessa conclusão, que exalta a capacidade profissional do mestre e a sua idoneidade technica, sem obumbrar os dotes intellectuaes do discipulo — ficamos em duvida si a *escola-annexa* continuará a ser o modelo dos grupos escolares ou si serão estes o diapasão por que se afinarão, dora em diante, os *córos* pedagogicos *semi-classicos* da Escola Normal.

Ha, na Capital, ^{**}grupos escolares tão bons como a *escola-modelo* em organização material — unica amostra que poderá consolar, actualmente, á curiosidade dos visitantes; outros se notam superiores á *escola-modelo* em algumas particularidades e processos de ensino, como, por exemplo, na cultura da voz, do canto.

Deduz-se, pois, dahi que nem sempre a *escola-modelo* poderá servir de padrão a grupos escolares.

Como se vê, sem uma flamma de esperança, sem pharol entórno do qual possam congregar-se todas as aptidões do magisterio, numa tentativa de resurgimento — estamos sob o jugo da anarchia pedagogica; e o que mais attesta essa desharmonia, esse desconcerto de

ideias e de govêrno, é a balburdia que nos compromette na instrução militar das creanças: cada grupo tem um uniforme; cada grupo tem um instructôr com um systema de instrução.

E' que se liga pouca importancia a essa disciplina do programma.

Pensa muita gente boa e de responsabilidade politica, ou mesmo administrativa, que, ao se falar em *preparo militar*, é o *militarismo* que absorve a attenção do escriptôr ou do educadôr.

E' preferivel—dizem alguns dos receios da hegemonia da farda — fornecer *arado* ás escolas publicas do Estado, em vez de lhes distribuir armamento.

Mas, é necessario que todos se lembrem que se ministra o *manejo da arma* nas escolas, assim como se ensina *historia, geographia, etc.*, e outras materias, que devem compôr um bom programma de estudos.

E' dever do Estado dar uma instrução integral ao povo e *civilisat-o á moderna*: é mais culto o paiz que dispõe de maior poder militar. . .

Bem acertado andou o Govêrno Federal augmentando a nossa força naval e acatando as aspirações do exercito nacional.

Embora sejamos um povo pacifico, é mister popularisar a carabina: é uma obrigação civica dar habitos varonis e de ordem aos futuros defensores dos interesses da Patria, nos quaes se acham englobados os proprios interesses da familia, do commercio, das industrias e mesmo os daquelles que são os pregoeiros phantasistas da Marselheza da Paz.

A paz — o mais grandioso sonho do universo — será sempre uma utopia, emquanto depender da vontade dos homens.

O desrespeito aos direitos alheios, a ambição illimitada dos povos, hão de for-

çosamente quebrar o equilibrio que garante o progresso dos Estados, e armar os braços das victimas, transformando legiões de combatentes em phalanges que se sacrificam pela justiça, a muito amortalhada nos tribunaes.

Ainda não se cumpriu a prophacia de Augusto Comte, isto é, o futuro ainda pertencerá ás luctas homicidas e não ao trabalho.

Ainda são phrases perdidas as afirmações de Pasteur:

— A sciencia e a paz triumpharão da ignorancia e da guerra, e os povos se estreitarão, não para destruir, mas para edificar.

Por mais justas e accitaveis que pareçam ser as razões e os argumentos com que os homens de sciencia, artes e letras, em nome da humanidade, profligam e condemnam a guerra, elles mesmos, sem o sentirem, inconscientemente, são os seus mais terrozosos apóstolos. (1)

Por isso, diz Maillard: (2) — Em seus escriptos, em suas descobertas e reivindicaciones, não fazem mais do que descortinar novos horizontes aos povos famintos de *Verdade* e de *Justiça*, exaltando-lhes as paixões que vão determinar a formação de uma ideia, que crêa e fecunda a unidade de pensamento, convergindo todas as forças intellectuaes para o ideal sonhado. A torrente se fórma e se constitue; cresce, avoluma-se, transborda; o dique se rompe: é a *guerra*.

A guerra, muitas vezes é uma necessidade social: na linguagem de Cicero, a guerra seria um meio de manter a paz.

A guerra, outras vezes, é uma sangria que soffre o organismo carcomido das nações, para o resurgimento das suas energias e para o avimento de uma nova epoca de virilidade.

(1) — Lobo Vianna - Tactica elementar.

(2) — Tactica Militar

Como todos vemos, principalmente neste início de seculo, *leões e leopardos, tigres e pantheras*, vivem associados por toda a parte.

Não estamos ainda nesse suspirado tempo, nessa almejada e feliz era do imperio da Paz.

Convém que os nossos concidadãos conheçam o manejo da carabina, não para lhes provir delle o pão de cada dia ou os meios de subsistencia; mas para se apparelhar contra as usurpações dos seus direitos e contra a violação da sua tranquillidade.

E' dever do govêrno, qualquer que seja a sua orientação philosophica, qualquer que seja a sua politica, quaesquer que sejam os seus sentimentos, preparar o povo para as emergencias perigosas do futuro ou do presente; corre-lhe a obrigação de fiscalizar o ensino das armas nos estabelecimentos officiaes de estudo, apercebendo-os do material indispensavel, estimulando-os e premiando áquelles que revelarem mais correcção e proveito, a par de mais preparo e conhecimentos technicos.

A educação militar não visa edificar apenas o typo de soldado: fórma igualmente o typo do homem civil, dando-lhe mais garbo ao corpo, corrigindo-lhe as maneiras licenciosas e anti-estheticas e apagando, sobretudo, no seu temperamento, na sua indole, o que houver de afeminado e pueril.

E' preciso, porém, collocar o ensino militar na altura que merece, tirando-lhe o que lhe emprestaram de espectacularo e ridiculo.

E' preciso acabar com esses passeios, pelas ruas, de creanças mal preparadas, diversamente fardadas e inconve-

nientemente armadas, pondo em destaque a anarchia que vai nos methodos de ensino dos nossos grupos escolares e da nossa *escola-modelo*.

A Inspectoria Geral da Instrução—vai por pouco tempo—cogitou de uniformisar os processos de instrução, promovendo a vinda, á Capital, de alguns directóres de grupos, afim de os ouvir e orientar.

Era, porém, preferivel que se nivelassem, em primeiro logar, nas praxes internas e nos processos pedagogicos, os grupos da Capital, uniformisando-os para servir de diapasão aos do interior do Estado.

Parece que já se apagou essa chamma de uniformisação dessas instituições de ensino, pois o que existe em cada uma dellas é falta de unidade de vistas e de acção, falta de um plano harmonico de administração.

Cada grupo tem um unifórme e uma especie de armamento. Arma-os com espingardinhas *de mentira*, de pau, quando ha modelos reduzidos que se empregam, por exemplo, nos batalhões escolares municipaes da Suissa e mesmo no Collegio Militar do Districto Federal do Brazil — é contraproducente, é sujeital-os ao ridiculo.

Porque não se fornece a cada grupo, pelo menos, o armamento necessario para uma companhia?

Como se depreheende do que foi exposto e do que se ouve por toda a parte, dos labios de muitos — é preciso que o govêrno intervenha, carinhosamente, como o fazia Bernardino de Campos, em proveito da reputação do ensino, e para que lhe não caiba, no futuro, a apostrophe de *coviro* das melhores aspirações da escola.

A. R. DE C.

QUESTÕES GERAES

(1) ENSINO AGRICOLA

A primeira tentativa séria, feita na França, para a introdução do ensino agrícola nas escolas, remonta ao ministerio Duruy (2). Depois dos trabalhos preliminares de 1866, uma commissão foi organizada para estudar as medidas necessarias ao desenvolvimento do ensino de agricultura e horticultra nas escolas normaes, communaes e cursos para adultos. Os trabalhos dessa commissão foram recebidos triamente.

Quando no parlamento discutiam a lei de 16 de julho de 1879, creando as cadeiras departamentais, a questão entrou novamente em ordem do dia e foi o ensino elementar de agricultura declarado obrigatorio nas escolas primarias. Foi dado então o prazo de nove annos para a completa execução dessa lei, pelos departamentos.

Os regulamentos organicos, de 1887, fixavam a natureza e extensão desse ensino nas diversas escolas de grau primario. Em 1888 foram instituidas recompensas aos mestres e mestrás que fizessem esse ensino com mais zelo e successo. Os mestres, aos milhares, se apresentaram reclamando os premios e cresceram extraordinariamente o numero de

alumnos que obtinham os certificados de exames.

Si todos os propagadôres destas ideias estavam de acôrdo quanto ao objectivo principal deste ensino, não o estavam no tocante ao methodo. O objectivo a atingir seria o levantamento da agricultura, tendente a diminuir, antes tudo, o exodo dos camponeses para as cidades (3), causado, principalmente, pelo modo de instrução agrícola que se lhes ministravam.

Tractando-se, entretanto, de saber como e em que condições essa instrução seria dada, em que consistiria esse ensino e qual o seu espirito, não era possivel harmonisarem-se as opiniões, tão diversas se apresentavam. O art. 10 da lei 16 de dezembro de 1879 encarregava os conselhos departamentais da organização dos programmas. E' facil de vêr-se que por este meio se fazia desaparecer a uniformisação e todos os programmas se mostravam demasiados, em exagerações.

As opiniões estavam divididas: de um lado procuravam dar ao alumno o ensino profissional e de outro o espirito puramente educativo predominava. De acôrdo com este ultimo pensamento procura-

(1) Esta primeira parte foi quasi toda tirada do «Les rapports du jury international» da exposição de 1900.
 (2) Duruy foi o introductôr do ensino de historia patria nas escolas publicas da França (1867).
 (3) Este facto é commentado tambem pelo sr. Brouard, inspector de ensino, no seu livro «Les écoles de filles».

vam dar ás creanças, experimentalmente, conhecimentos scientificos indispensaveis, tornando-as aptas á observação dos factos, despertando em seu joven pensamento o desejo de conhecer os phenomenos diarios da vida do campo. Por outro lado desejavam começar a carreira agricola na escola primaria e o ensinamento pratico consistia na applicação de preceitos, receitas agricolas e formulas, que os alumnos retinham sem comprehender.

Esta dualidade foi denunciada ao Senado, a 7 de abril de 1895, e, depois de forte contenda, da qual participaram os ministros da instrucção e agricultura, a commissão mixta de ensino agricola foi encarregada de elaborar um plano resumido, com o fim de facilitar o trabalho dos mestres.

No plano, então organizado, notaremos o espirito que dominava a opinião do Senado:

«O ensino de noções de agricultura deve dirigir-se muito menos á memoria que á intelligencia das creanças;

«Elle deve apoiar-se em observações de factos ordinarios da vida agricola e em experiencias simples, de acôrdo com os recursos materiaes da escola, tendentes a evidenciar noções scientificas das operações fundamentaes, relativas á cultura;

«O que sobretudo, é preciso, ensinar ás creanças da escola rural é o porque das operações, com a explicação dos phenomenos que as acompanham e não as minucias dos processos de execução e menos ainda, os resumos dos preceitos, das receitas agricolas e definições;

«Conhecer as condições necessarias e essenciaes ao desenvolvimento dos vegetaes cultivados; conhecer as razões de ser dos trabalhos habituaes á cultura ordinaria; conhecer as regras de hygiene do homem e animaes domesticos—eis o que primeiramente deveriamos ensinar a todo o agricultôr. O methodo experimental seria o unico a produzir um tal resultado».

Este plano, por si só, vale um programma. Ao mestre, que faça de sua profissão um sacerdocio, olhando sempre para o seu deus que deve ser a patria, nenhuma difficuldade insuperavel surgiria na sua execução; não haveria mister da frequencia de cursos especiaes; algumas obras, compradas por pouco, bastariam a dar-lhe o preparo sufficiente para

o desempenho de sua missão e, com cuidadosas observações, poderia determinar as causas do fracasso dessas experiencias practicas, successo, que por ventura se desse, exemplificaria ao alumno os cuidados, as attentões que se precisam applicar, para a boa execução do trabalho.

Continuando a explanar o seu guia, a mesma commissão entra em questões de methodo, procurando salientar a efficacia das suas proposições.

«O mestre trilharia caminho errado fazendo consistir o ensino unicamente na repetição de manuaes agricolas, fossem elles os mais perfeitos; é preciso recorrer a experiencias muito simples e sobretudo á observação.

Com effeito, sómente pondo o phenomeno a observar sob as vistas das creanças, é que se poderá estabelecer em seu espirito ideias fundamentaes sobre que repousa a sciencia agricola moderna, ideia que o camponez não poderia adquirir a não ser na escola. Ah! lhe não será preciso ensinar o que o seu velho pae sabe melhor que o mestre e o que elle aprenderá seguramente por sua propria experiencia practica.

«A escola deve limitar-se a preparar a creança para a aprendizagem intelligente do officio que a fará viver e a dar-lhe gôsto pela sua futura profissão. A este respeito o mestre nunca se deverá esquecer de que o melhor meio de fazer o operario amar o seu trabalho, é pô-lo ao par de sua razão de ser. O fim a atingir com o ensinamento agricola primario é, pois, iniciar o maior numero possivel de creanças de nossos campos nos conhecimentos elementares, indispensaveis para ler com aproveitamento um livro de agricultura moderna; para seguir, com resultado, uma conferencia agricola; é inspirar-lhes o amor pela vida do campo e o desejo de não abandonal-a pela da cidade ou da usina; é ensinar-lhes a fazer-os comprehender que a profissão de agricultôr, a mais independente de todas, é mais remuneradora que muitas outras para todo o homem trabalhador, intelligente e instruido».

Em resumo: tudo quanto se deseja do mestre-escola-rural é que dê a seus alumnos, de acôrdo com a idade e o gôsto, a intelligencia das coisas agricolas.

J. A. DE AZEVEDO ANTUNES

PEDAGOGIA PRATICA

PAGINAS CIVICAS

(JOÃO KÖPKE — A GRANDE PATRIA)

(PARA DIALOGO NAS ESCOLAS PRIMARIAS)

IV

(Continúa)

— Duas horas, vovô.

— Já?

— Em ponto. Cochilaste uma boa hora e meia.

— De tormento para ti, curioso.

— Sim, mas eu não perdi meu tempo. Sabes aquelle livro grosso da tua estante?... Tirei-o, e achei lá o retracto de d. Pedro I. Quiz lêr, mas a letra é tão miuda! E, demais, os livros da gente grande não falam que a gente pequena entenda. Aquelle outro retracto, que vem antes do d'elle, ha de ser o pai, não? Parece-me que eu li d. João, mas não me lembro do numero, si IV, si VI.

— VI, VI. Mas não alteremos a ordem da nossa explicação, para que te não confundas.

— Queres saber quando é

que d. Pedro de Alcantara se tornou II, não é isso? Foi em 1840, isto é, quando eu tinha dezoito annos. Elle tinha quinze, porque nasceu tres annos depois de mim.

— E com tão pouca idade a gente póde ser imperadôr?

— Elle o foi. Seu pai, nove annos antes, em 1831, se retirou do Brazil, deixando-o com cinco e pouco.

— Porque?

— Porque o povo, a 7 de abril desse anno o obrigou a isso.

— Como fez ao marechal Deodoro a 23 de novembro, sessenta annos depois?

— E por motivos algum tanto parecidos.

— Esqueceu-se da Constituição?

— Nunca se importou muito com ella.

— E, quando elle sahio, si o filho era tão pequeno, como havia de governar?

— Os senadôres e deputados, que estavam no Rio de Janeiro, reuniram-se e nomearam uma regencia provisoria, (1) mais tarde substituida para outra definitiva, que governou até 1834.

— Mas, o que é regencia, vovô?

— E' uma especie de governo provisorio, sabes? Homens que governam enquanto o rei ou imperadôr é menor, ou está impedido por algum motivo. Lembra-te que o sr. d. Pedro de Alcantara tinha só cinco annos e meio, quando seu pae se foi embora.

— E essa regencia governou até elle ter quinze annos?

— Já te disse que, depois de uma provisoria, foi nomeada outra definitiva, que governou até 1834. Em 1835 foi eleito um só regente, em vez de trez. A escolha recahiu num paulista, padre Diogo Antonio Feijó, (2) que devia reger por quatro annos, mas que resignou o governo em 1837.

— Porque?

— Porque lhe faziam muita opposição.

— Como?

— Contrariavam o seu governo; não o auxiliavam.

— E quem lhe succedeu?

— O ministro do Imperio, sr. Pedro de Araujo Lima, (3) depois marquez de Olinda e que eu conheci muito.

— E quem governou depois d'elle?

— D. Pedro II, que foi declarado maior a 23 de julho de 1840.

— O que quer dizer *declarado maior*?

— Quer dizer que a Camara decidiu que o sr. d. Pedro de Alcantara podia tomar o governo com essa idade, embora a Constituição o declarasse, no seu art. 121, menor até a idade de deztoito annos completos.

— E' porque não esforram em obediencia á Constituição?

— Porque, estando os partidos em lucta muito forte, pareceu que esse era o melhor meio de evitar perturbações.

— E porque é que ha partidos, vovô?

— E' porque ha opiniões diferentes; uns pensam que é melhor governar deste modo; outros, daquelle.

— E o Imperadôr podia impedir a lucta?

— Não, Alvaro; mas podia moderar-a, e isso era mais facil desde que nenhum dos partidos podia querer que o regente fosse escolhido entre os dois partidarios.

— E moderou-a?

— Sim, porque procurou contentar a todos, chamando para

seus ministros ora os conservadôres, ora os liberaes.

— O que eram os conservadôres e liberaes?

— Os homens dos antigos partidos: o partido dos que não queriam reformas adiantadas, e o dos que as queriam. Mas os nomes andaram trocados, porque os conser adôres é que fizeram as reformas mais liberaes da monarchia, como por exemplo a libertação dos escravos. O Imperadôr, repartindo o podêr com elles, governou quarenta e nove annos.

— E governou bem?

— Nem eu, nem teu pai, te pôdemos responder, meu caro. Nós nunca sômos bons juizes dos homens, que vivem no mesmo tempo que nós. Um *conservadôr* chamou ao sr. d. Pedro II de *Cesar Caricato*, isto é de homem que queria parecer grande e só conseguia tornar-se ridiculo; e um *liberal* disse que, no Brazil, a farda de ministro era uma *libré de lacaio*, isto é, que só poderia auxiliar o sr. d. Pedro II um homem de pouco brio, que se prestasse a fazer tudo quanto elle quizesse. Mas, ambos esses homens, depois de dizerem isso, foram ministros do Imperadôr e nenhum delles serve hoje á Republica.

— E tu não achas isso muito feio, vovô?

— Acho; porém os homens que andam mettidos nos parti-

dos e govêrnos, procedem, não raras vezes, desse modo, isto é, sem acompanhar as suas palavras com os seus actos, e têm sempre razões, que justificam a sua conducta. Seria preciso ouvi-los.

— Eu espero que nunca hei de fazer como elles. Mas ainda não me contaste como d. Pedro I veio para o Brazil e se fez imperadôr.

Veiu com seu pai.

D. João VI?

Sim, d. João VI, (4) que estava governando Portugal como regente, porque sua mãe, d. Maria I, (5) tinha enlouquecido.

— E porque é que não ficou em Portugal?

— Porque os francezes atacaram esse paiz e elle achou mais seguro asy-lar-se no Brazil.

— Fugiu, então, de Portugal?

— Eu não disse tal, nem a historia o diz. Refugiou-se ate que Portugal se visse livre do inimigo. Isto é fugir?

— Quando foi isso?

— Em 1808.

E para onde veio?

— Esteve na Bahia desde 23 de janeiro até 26 de feveiro, e depois partiu para o Rio de Janeiro, onde chegou a 7 de março. A 26 de abril de 1821 voltou para sua terra.

— Então se demorou treze annos. E porque voltou?

— D. Maria I, sua mãe, morreu no Rio de Janeiro, em 1816,

(1) *Galeria de historia brasileira*, ed. Garnier, pag. 102 e 104.

(2) *Galeria de historia brasileira*, ed. Garnier, pag. 104.

(3) *Galeria de historia brasileira*, ed. Garnier, pag. 140.

(4) *Galeria de historia brasileira*, ed. Carnier, pag. 98.

(5) *Galeria de historia brasileira*, ed. Garnier, pag. 98.

e, por isso, foi elle corôado rei de Portugal. (6) Ora, em Portugal, em 1820, houve uma *revolução*.

— Mas, vovô, o povo parece que está sempre fazendo revoluções. Revolução em 1820 — revolução em 1822 — revolução em 1889 — revolução em 1891. Já quatro!

— E quantas outras, quantas, meu filho, não tem havido! O povo não socega enquanto não alcança a sua liberdade, ou não repara as injustiças, que lhe fazem.

— Mas o povo portuguez não era livre? Que tinha soffrido alguma injustiça?

— Era livre, e não era. Era, porque era uma nação independente, autonoma; não era porque tinha um rei absoluto.

— O que é rei *absoluto*?

— E' o que governa como quer — sem uma Constituição.

— E porque não tinha feito Constituição?

— Porque todos os povos, Alvaro, são a principio governados pelos padres, depois pelos chefes militares ou reis, e, finalmente, por chefes constitucionaes. Parecem as creanças: quando muito pequeninas, as mãis governam-as pelo carinho (e pelo mêdo do papão, o que é mal feito); quando crescem mais, ás vezes é preciso até governal-as pela força; e, finalmente, quando se fazem homens e criam juizo, é que pôdem ser dirigidas pela razão.

— E em 1820 os portuguezes fizeram a sua Constituição?

— Que remedio teve o rei si não fazer-lhes a vontade? Os revolucionarios venceram no Porto, e d. João, voltando para Portugal, que se tinha contrariado pela sua ausencia, deixou d. Pedro como governadôr do Brazil com o titulo de *principe regente*.

— Ah! Então quando d. Pedro separou o Brazil de Portugal, elle estava encarregado pelo pai de governar o Brazil?

— Sim, estava.

— Mas o que elle fez não foi uma traição?

— Calcula que, tendo d. João VI deixado o govêrno a d. Pedro, as Côrtes portuguezas mostraram-se muito contrarias ao Brazil...

— O que são as Côrtes?

— O mesmo que o nosso Congresso. Calcula que as Côrtes se mostraram muito contrarias ao Brazil e ao govêrno do principe, e responde tu mesmo á tua pergunta. D. Pedro foi um trahidôr, ou ligou a sua causa á dos brazileiros, porque lhe pareceu ella justa?

— Mas o que fizeram as Côrtes, vovô?

— Mandaram, entre outras coisas, que o principe voltasse para Portugal, supprimindo tudo que se tinha creado de importante no Brazil durante a estada do rei no Rio de Janeiro, e deixando-o simplesmente como Governadôr do Rio de Janeiro

— E porque foi que o principe não voltou?

— Porque o povo de S. Paulo e do Rio de Janeiro instou para que elle ficasse.

— E os portuguezes o que fizeram?

— As tropas, que estavam no Rio de Janeiro, prepararam-se para a lucta contra os colonos rebeldes, e o povo e a tropa brazileira fizeram o mesmo para lhes resistir. Mas não houve lucta, não. Os portuguezes, a 15 de fevereiro de 1822, retiraram-se para a Europa. O principe, então, chamou para seu ministro a José Bonifacio de Andrada e Silva, homem de letras e sciencias, que muito se havia distinguido, e a quem, principalmente, se deve a independencia da nossa Patria. Deves ter visto a sua estatua (7) em frente á Escola Polytechnica.

— Por signal que é bem á tôa comparada com a sua visinha do largo do Rocío...

— Ah! A monarchia era muito geitosa em fazer para si e para os seus, as contas de grão-capitão. Si lisonjear o senhôr era o segredo dos politicos!...

— E como foi que se fez a independencia?

— D. Pedro já tinha combatido por toda a parte as intrigas dos que se oppunham ao seu govêrno no Rio, na Bahia, em Pernambuco, em Minas e em S. Paulo. Mas os portuguezes e seu

govêrno, cada vez inventavam novos meios de embaraçar o Brazil. Ora, estando em S. Paulo, voltava d. Pedro, de Santos para a Capital, quando, nas margens do Ypiranga, foi alcançado por um proprio, que lhe trazia correspondencia do Rio. Dando-se pressa em examinar essa correspondencia, ficou, por ella, ao facto do que se estava passando em Portugal e, indignado da má vontade dos portuguezes, obedeceu ás suggestões, que, em carta, lhe fazia José Bonifacio.

Arrancando da farda o laço das côres portuguezas e bradando — *Independencia ou morte!* — declarou por essa fórma, o Brazil separado de Portugal, isto é, deu nos uma Patria livre.

— Imagino que contentamento, vovô, essa noticia espalhou por todo o paiz!

Não pôdes fazer ideia. Meu pai, teu bisavô, que estava em S. Paulo, e tinha, nessa epoca, seus vinte e oito annos, contava-me pelo miudo as festas, que se celebraram, e a alegria imensa do povo. Olha, aqui tens uma cópia do quadro do nosso pintôr — Pedro Americo — em que está representado o momento da proclamação (8).

Fica-o admirando, enquanto eu vou escrever umas cartas. Aqui tens um folheto explicativo com o nome das pessoas, que tiveram a felicidade de assistir ao grande acontecimento.

(6) Galeria de historia brasileira, ed. Garnier, pag. 98.

(7) Galeria de historia brasileira, ed. Garnier, pags. 40 e 76.

(8) Galeria de historia brasileira, ed. Garnier, pag. 28.

LITERATURA

FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE

(QUADRO ALLEGORICO)

(Escrepto por occasião da terrível secca no Ceará, em 1900)

Figuras: A PATRIA, A FÉ, A ESPERANÇA E A CARIDADE.

Scenário; um bosque verdejante, illuminado pela luz da aurora que desponta. Ouvem-se, ao longe, rufo de tambôres e sons de clarins.

PATRIA.—A aurora vem polvilhando de ouro a madrugada... Soam, ao longe, os clarins. Começa a vida; prosegue a lucta e a ampulheta do tempo se escoa celeremente. Já lá se fôram as Estações. Mais um seculo desponta e quanto tenho soffrido, quanto tenho luctado! Hontem, parti os grilhões do captivo que acorrentavam meus filhos; entre risos e flôres implantei no Brazil o regimen democratico, confraternizando os povos. Renegada pelos trahidôres, suffoquei conspirações clandestinas; e, estoiça, desvelada, consegui a paz na guerra civil, consolidando o ideal republicano. Nos sertões da Bahia subjuguiei o fanatismo,

não sem derramar e vêr correr sangue de meus filhos. Brazil! Brazil! Quanto te quero! Quanto te adoro!... Quantos irmãos tombaram na lucta, sacrificando-se ao meu amôr de mãe! Oh! quantos... quantos se immortalisaram em vida e, na Historia, figuram aclamados de bençams! Osorio, Caixias, Tiradentes, Badaró, Silva Jardim, Luiz Gama, Antonio Bento, verdadeiros martyres, consagraram-me a sua vida com a espada, com a palavra e com a pena! Deodoro, Floriano, e tantos outros soldados gloriosos, demonstraram-me legitimo amôr de filhos. Bittencourt, innocente, morreu em meus braços, victima do punhal assassino, vibado por um cobarde.

Não tenho descanso. O meu sonhar é sempre interrompido por visões phantasticas, que me pungem o coração de mãe.

Pacificuei o Sul; a concórdia estendeu as azas sobre elle, mas... para as bandas do Norte, um quadro devastadôr, tétrico, horível, me faz estremecer de horrôr! No Ceará, a fome victima os filhos; a miseria é sinistra; a secca é pavorosa...

O Sol como um vulcão incendiario, se compraz em requeimar os campos, seccando a agua das fontes, por toda a parte espalhando o lucto e o terrôr!

E não podêr como Josué detar o curso ao planeta!... Não podêr com Moysés fazer brotar a agua do rochedo!... Vejo morrer meus filhos e não posso salvá-los! Oh! como ists é doloroso! (Pausa). Que hei de fazer para livral-os dos horrôres da fome?! Que hei de fazer que lhes mitigue a sêde?! (Como que deslemburada, olhando além). Será isto um sonho, uma visão? Dir-se-ia que tres divindades, unidas de uma luz fulgurante, se encaminham para aqui!... (Como que em extasis, segue ao encontro da Fé, Esperança e Caridade, que, vagarosamente, se approximam).

FE'.—Patria, não vos enganae; não é uma phantasia do vosso espirito agitado. Sômos as tres virtudes que, em bem da humanidade, ao mundo viemos.

PATRIA.—Quem sois, phantasticas visões.

FE'.—Sou a fé, aquella que fez de Christo o redemptôr da humanidade; aquella que purifi-

cou a alma da peccadôra Magdalena... Sou a Fé, ardente e pura, que alimenta o bom christão e abre as portas do paraizo celeste aos apóstolos do Bem. Sou a essencia que illumina a consciencia dos justos;... sou a alma do coração virtuoso.

PATRIA.—A Fé?! Sim, sois aquella que apartastes do meu cerebro a duvida e a descrença, impellindo-me a combater pelo progresso. Bem vos reconheço;... sois a alma do meu coração de mãe. Mas, vós... quem sois, encantadôra deusa?

ESPERANÇA.—Sou a Esperança, o sonho de ouro da mocidade... o santelmo poderoso, que illumina o reino da gloria. Sou consoladôra dos afflictos, a aurora promissôra de felicidades... o magico talismã que conduz a alma humana ás aspirações... Sou a Esperança, a alma da Vida.

PATRIA.—A Esperança? Sim, sois vós. Nas luctas do passado senti que nunca me abandonastes. Fostes a força magnetica, divina, que guiastes as caravelas de Colombo, no oceano, marcando-lhe, na esteira das aguas, o caminho do Novo Mundo! Fostes o pharol de luz benedicta que illuminastes as plagas de Sancta Cruz! Bem vos reconheço;... mas, vós quem sois, ó casta divindade?

CARIDADE.—Sou a Caridade, o balsamo purificadôr dos afflictos, aquella que no Calvario derramou lagrimas piedosas pelo Nazareno. Sou a essencia do Bem; transmudo a dôr em

calma;... «represento o coração de Maria e a alma de Christo»;.. sou a Caridade, a mais sublime virtude.

PATRIA.—A Caridade? Sim, sois vós que mitigaes as dôres dos que soffrem; que soccorreis os que padecem. Fostes vós que me ordenastes sancionar a lei aurea, redimindo do captivo a raça negra... Sois o anjo de amor que velaes pelos pequenos orphans;... sois a sancta e meiga Caridade.

CARIDADE. — Toda a alma humana precisa ter fé, esperança e caridade;... toda a Patria, para ser amada, necessita possuir as trez virtudes theologaes que representamos.

PATRIA.—Em nome do christianismo, bem o sei, mas independente dessa trindade sancta de que falaes, a Patria alimenta, em seu coração de mãe, a Prudencia, a Justiça, a Fortaleza e a Temperança, quatro virtudes cardeaes.

FE'.—Sim, porque sois a mãe do Universo.

PATRIA. — De norte a sul, de leste a oeste, de polo a polo, hospitaleira e nobre, resignada e meiga, alimento com sancto e desvelado amor, os meus filhos dilectos e por elles sacrificio o meu futuro. Com prudencia, soffro as guerras civis, fartalecendo-me contra os ingratos que me renegam; com temperança, dicto as leis e ensino-lhes o código, administrando justiça, com todo rigôr, contra os rebeldes.

CARIDADE. — Cumpris vosso dever. Tambem consagro meu

viver ás obras de misericordia, que são sete pelas leis de Christo. «Dou de comer a quem tem fome; dou de beber a quem tem sê le; visito os enfermos e encarcerados; dou pousada aos peregrinos; redimo os captivos e entéro os mortos», encommendando-lhes a Alma ao eterno julgadôr.

ESPERANÇA. — Sim, minha irmã. De vossos labios resôa a palavra unvida de piedade que dá vida aos moribundos, emquanto eu vélo á sua cabeceira esperançando, confortando-lhes o espirito.

FE'.—E eu faço renascer em suas almas a fé em Deus e ordeno-lhes que vivam.

PATRIA.—E não mentis. Possuis essa virtude sancta... Ide, numa cruzada heroica, sob o azul do ceo que nos cobre, para as bandas do Ceará cumprir, ainda uma vez, vossa piedosa missão.

Lá agonisam nos estertôres da fome os meus queridos filhos e as lagrimas que derramo não lhes matam a sêde. (*Chora*).

CARIDADE.—Patria, não choreis. Aqui estamos nós para soccorrel-os. Ouvimos vossos ais e suspiros e corremos a salvar vossos filhos da fome e da sêde, lá nos aridos sertões do Ceará. Bandos precatórios organisam-se; esmolae caem das mãos piedosas, em nosso regaço. Tranquillisae-vos: contra o rigôr da fome e da sêde, tem o balsamo da Caridade!

PATRIA. (*Chorosa*). — Ai, de mim!

FÉ.—Tende Fé em Deus.
ESPERANÇA.—Não percaes a Esperança.
CARIDADE.—Partamos.
PATRIA.—Sim, partamos; com a Fé, a Esperança e a Caridade salvarei meus filhos dos horrô-

res da fome, no Ceará... Partamos...

FÉ, ESPERANÇA, e CARIDADE.—Partamos (*Encaminham-se para o Norte, acompanhadas pela Patria e perdem-se no bosque.*)

ARLINDO LEAL



SETE DE SETEMBRO

*Foi um dia de gloria!—O povo altivo
Trocou sorrindo as vozes de captivo
Pelo cunhar das festas!
O leão indomavel do deserto
Bramiu, soberbo, dos grilhões liberto,
No meio das florestas!*

*Lá no Ypiranga, do Brazil o Marte,
Enrolado nas dobras do estandarte,
Ergueu o augusto porte;
Cercada a frente dos laureis da gloria,
Soltou, tremendo, o brado da victoria:
—Independencia ou morte!*

*O santo amôr dos corações ardentes
Achou echo no peito dos valentes,
No campo e na cidade;
E dos salões—do pescadôr nos lares,
Livres soaram hymnos populares
A' voz da liberdade!*

*Annos correram;—no torrão fecundo,
Ao sol de fogo deste novo mundo,
A semente brotou;
E franca e leda, a geração nascente,
A' copa altiva da arvore frondente,
Segura se abrigou!*

*A' roda da bandeira sacrosancta,
Um povo esperançoso se levanta
Infante e a sorrir!
A nação do lethargo se desperta,
E—livre—marcha pela estrada aberta
A's glorias do porvir!*

*O paiz, nalgria todo immerso,
Velava attento á roda só dum berço..
Era o nosso, Senhôr!
Vós do tronco feliz, doce renovo,
Vêde agora, Senhôr, na voz do povo
Quão grande é seu amôr!*

Rio, 1858.

CASIMIRO DE ABREU

O BRINQUEDO DAS CÔRES

As creanças fazem uma roda e cada uma dellas é uma das côres do arco-iris. O alumno deve trajar-se de acôrdo com a sua côr. O prisma occupa o centro da roda. No final do brinquedo todos rodam, cantando. A musica é a da Geisha.

O PRISMA :

*Eu sou o Prisma. Em meu seio
Ha um mundo sempre cheio
De risonhas maravilhas!
Quando a luz do sol me accende,
O sabio commigo apprende
Que as côres são minhas filhas!*

O VERMELHO :

*Sou o vermelho. Na terra
Sou o sangue e sou a guerra,
Imagem forte da vida!
Sendo purpura, nos paços,
Os reis me levam nos braços
Como cousa estremecida.*

O LARANJA :

*Sou, senhores, mais modesta:
Côr dos fructos da floresta,
Já fui galho e já fui flôr!
Não ha bocca que não coma
Laranja, a fructa do aroma
De delicado sabôr!*

O AMARELLO :

*Sou o amarello, a côr nobre,
Que doura os sonhos do pobre,
Seus castellos de porvir!
Sou a côr, a côr dos astros.
Quantos não andam de rastros
Nas ancias de me attingir!*

O VERDE :

*Côr do ramo que balança,
Os que vivem de esperança
Me pedem como um bordão!
E' a côr verde de esmeralda,
Que a primavera desfralda
Como um manto pelo chão!*

O AZUL :

*Sou o azul, a côr que veste
Toda a abobada celeste,
O mar, o lago e as collinas...
Minha côr, quando scintilla
Em roda duma pupilla,
Promette coisas divinas!*

O ANIL :

*Embora seja collega
Do azul, a sorte foi cega
Para mim, digo com magua.
A lavadeira ai! não poupa
O anil, quando lava a roupa,
Na sua bacia dagua!*

O ROXO :

*Pois eu, na gamma, reflecto
As tristezas do Infinito,
Toda a saudade sem fim!
Sou a côr das violetas,
A flôr das almas selectas
E dos collos de setim!*

O PRISMA :

*Dum raio, dum raio apenas
Branco, como as açucenas,
Eu, como faz um pintor,
Tiro as côres preciosas,
Que a gente vê sobre as rosas
Como o sorriso da flôr!*

*Tenho as sete na palheta,
Desde o vermelho ao violeta,
O côr de laranja, o anil...
O verde, o azul, o amarelo,
Que fulguram sobre o bello
Pavilhão deste Brazil!*

*Agora, lindos matizes,
Para sermos todos felizes,
Vamos, num arco, rodar...
Pois, das côres combinadas,
Luz das nossas madrugadas,
Ha de o branco emfim raiar!*

TODOS:

*E no arco de alliança
Apprenda cada creança
Esta serena licção:
A cabecinha que scisma
Veja tudo, mas no prisma
Sómente do coração!*

ANTONIO PEIXOTO



A TIRADENTES

21 de Abril

(EDIÇÃO DE 1898)

Quando o sólo da Patria recalco
Sentia-se do pé de atro verdugo,
Em densas trevas o Porvir nublado,
E o povo debatendo-se humilhado
Sob o infamante jugo:

Um sonho illuminou-te portentoso...
—A teus olhos tomados pelo espanto
Apparecera um facho glorioso:
Era o vulto da Patria majestoso,
O ideal sacrosancto.

Grandiosa visão! Como aturdido
Enxergaste na mente arrebatada
Um livre povo pelo amôr reunido,
O character da raça suspendido,
A moral levantada.

Alli dentro em tua alma tormentosa
O bello sonho não ficou sepulto;
A cada instante á gente desditosa
Ensinavas da Patria—mãi piedosa—
O sublimado culto

A Europa então aos écos tumultuarios
Da lucta, viu a breves intervallos
Que os povos no Planeta solidarios
Se levantam nos pontos mais contrarios
Sob os mesmos abalos.

Emquanto ao lado o ardôr se arrefecia
Entre aquelles que á gloria convidavas,
Só, mostravas em frente o grande dia...
Teu vulto em toda parte apparecia;
Corajoso luctavas.

Não pararam teus nobres arremeços
Medrosos, nunca nem fatais intrigas;
Marchavas dos perigos aos excessos...
Contra ti não puderam vis tropeços,
Não puderam fadigas.

Foi-te porém essa visão mentida:
Gastaram-se teus sanctos alvorotos
Como chamma debalde consumida.
Em vão! Tu não chegaste a vêr em vida
Realizados teus votos.

No emtanto era a hora de partir-se as peias;
Durava desde muito o jugo ignavo.
Si longa escravidão nos corre as veias
Por fim beija-se humilde as vis cadeias,
Preza-se o ser escravo.

Pôde uma alma de infame acovardada
Contra ti dirigir a sanha impura;
Gemeu de dôr a Patria atraçoada,
A mão real tomou-te alvorçada
E esmagou-te na altura.

Cahiste ao pé do cadafalço, exangue;
Tuas carnes, lançadas pela praça,
Fôram pasto de cães; no emtanto langue,
Covarde, não subiu ao rosto o sangue
A' desmaiada raça.

Transformara-se ao cabo o grande aferro
Que dera aos homens corações bravios;
O frio horrôr dos carcereiros de ferro
E o pavoroso aspecto do desterro
Conspurcaram seus brios.

Não durou, porém, muito esta baixeza;
A ideia exposta aos tropicaes ardôres
Devia em breve reerguer-se acceza...
Contra ella foi van toda a crueza,
Foram vãos os terrôres.

Um dia o chefe assoma na estacada;
Já o fogo incendiava os peitos nossos.
Forte, á voz a mandar acostumada
Dobra o herdeiro da aguia ensanguentada
Que espalhara os teus ossos.

Que importa que expellindo o jugo
Falte-lhe um dia aquelle regio auxilio?
Que esse mesmo que verga a seu com-
Sua obra, bem cedo o atraçoando,
Faça-o expiar no exilio?...

Cumprido estava o sonho prematuro
Que animara tua alma patriota;
Surgira a Patria livre; esse ideal puro
Surgira, e o passo seu, hoje seguro,
Já não teme a derrota.

JOZÉ MARIANO DE OLIVEIRA.

(Rua Benjamim Constant, 44)

N. em Saquarema, a 22 de maio de 1855.



TREZE DE MAIO

Passava na amplidão o sol febricitante,
impenetravel, só, como um judeu errante,
o seu rancôr febril lançando sobre o globo,
em espiraes de luz e turbilhões de fogo!
Andavam pelo espaço uns philtros de preguiça,
descidos da atmosphaera, ardente, abafadiça...
Na cupola sem fim do infindo firmamento,
as nuvens, como em sonho, a passo somnolento,
rolando na amplidão, lethargicas, errantes,
faziam recordar manadas de elephantes,
andando num deserto!

Além, na plantação,
os escravos, do sol á dura irradiação,
agiam sem parar—rebanho humanizado—
miserando rebanho, e como tal tractado,
apezar da epepeia augusta que Jesus
com seu sangue escreveu nos braços de uma cruz!

Sobrolho carregado, á mão uma chibata,
por ahi passeiava o velho escravoerata!

Entre essa multidão de miseros mortaes,
que davam seu suôr e as forças corporaes
ao despotismo vil do crime mais abjecto,
um chamava a attenção, por seu extranho aspecto!
Na carapinha branca, um tanto acinzentada,
nos sulcos infernaes da fronte acabrunhada,
no busto, como curvo ao peso do fadario,
deixava adivinhar um velho centenário.

Era esse da fazenda o braço mais activo,
sempre trabalhador e diligente e vivo...

Porém, naquella dia, o seu ardor usual
parecia ceder a um peso atroz, fatal:
em bagas, lhe banhava os faces o suor,
e, pelo corpo todo, um singular tremôr.

De subito, agitado, em grande convulsão,
tremeu, cambaleou, e ajoelhou no chão!

Logo o *senhór* bradou:

— Então, negro, que é isso?...

Descansa-se... não é... E o serviço... o serviço...
Que o faça quem quizer...

E o pobre preto, então,
supplice, erguendo as mãos, como a implorar perdão:
— Meu *senhór*! compaixão pro velho escravo seu...
O que eu tenho cá dentro é mais forte do que eu...
Eu sinto-me alquebrado... as forças têm um termo!...»
— Negro vil! Quem te deu direito a estar enfêrmo?...
O que tu queres é furtares-te ao trabalho!...
Mas forças eu vou dar-te á força de vergalho! »
E o latego fatal, nivando na amplidão,
Dez vezes se embebeu no sangue do ancião!

Como galvanizado, o olhar fito nos ceos,
firme como um espectro, enorme como Deus,
O pobre velho escravo, enfraquecido, exangue,
dando a beber a terra, em gottas, o seu sangue,
num arranco final, num repto de valôr,
levanta-se do chão, cravando no *senhór*
um olhar como aquelle olhar extraordinario
com que Christo os judeus fitára no Calvario!
— Mais de oitenta annos ha — disse elle, docemente —
que o negro escravo vil, infatigavelmente,
trabalha para vós, pra vosso pae e avô!
Ao trabalho, jamais um dia se excusou!

E assim lhe pagaes vós o que por vós tem feito?
Pois bem, *senhór*, ouvi o vaticinio meu,
si é que o não quereis vêr escripto lá no ceo:
Já que victima fui da vossa crueldade,
os meus irmãos por mim terão a liberdade!
Qual Christo, eu tive cruz! Qual Christo, tive um hôrto...
Serei, pois, redemptôr!... »

E o velho cahiu morto!...

As nuvens, de tropel, em lucta pareceram,
e a fulva luz do sol aos mundos esconderam!
A terra estremeceu nos alicerses seus,
como si a sacudisse a colera de Deus!

Depois... tudo passou...

Na luz do astro do dia,
nos raios seus envôlto, á terra então baixou
um ser celestial que á turba assim falou:
— O sangue de um de vós, filhos da escravidão,
symbolisa do escravo a eterna redempção!
Somos todos irmãos! — prégou Jesus. Pois bem:
o emissario de Deus á terra agora vem,
para a todos vos dar a carta de alforria!

E o escravocrata, então, num gesto de energia:
— Mas... quem és tu, pigmeu, que tens a pretensão
de desfazer assim tão velha instituição?

— Eu sou a grande voz que tudo em si encerra,
que vae de polo a polo, atravessando a terra,
em vagalhões de luz, vertiginosamente;
de quem é tudo escravo, e tudo é dependente,
quer nobres, quer plebeus, vassallos como reis;
que sustenta a Justiça e faz cumprir as leis;
soberana do Amôr, do Bem, da Liberdade;
eu sou, sabe-o por fim — A VOZ DA HUMANIDADE. »

Porto Allegre - 1889

DEMETRIO ALVARES

DIVERSOS

Discurso pronunciado pelo prof. Carlos Alberto Gomes Cardim, no acto de collação de grau ás professôrandas normalistas de Victoria, no Estado do Espirito Sancto, onde se acha em commissão.

Exmo. sr. dr. presidente do Estado. Meus srs.. Minhas sras..

Como si não fossem sufficientes as provas de sympathia e de consideração que tenho recebido do governo do Estado, deste povo hospitaleiro, da imprensa generosa e do distincto professorado publico desta terra, ainda quizeram as professôrandas da escola Normal do Espirito Sancto ser extensamente gentis, dando-me a prova viva de seu affecto, convidando-me para ser paranympho na entrega solemne de seus diplomas.

Como agradecer tão delicada prova de estima, distinctas professôrandas?

Prometter exgottar toda a minha energia, acompanhando os vossos passos, será ocioso, será prometter o que eu faço devotamente por educação e por temperamento, e, portanto, sem que haja necessidade de compromisso.

Dizer que vos conservarei no intimo da alma por essa prova de desmedida benevolencia, será affirmar o que tendes materialmente certeza.

Dizer que não tenho palavras que exprimam a emoção que me assoberba o espirito, que me comprime o cerebro, será desnecessario porque vós comprehendeis a minha situação.

Que fazer, pois ?

Devo aproveitar-me da solemnidade do momento para censurar-vos rudemente pelo vosso procedimento.

Devieis escolher uma cerebração robusta que viesse elevar a vossa festa, que traçasse um padrão de gloria nos annaes da escola que ides deixar.

Devieis escolher penna fulgurante que viesse extasiar este selecto auditorio com uma palavra cheia de encantos.

Fostes infeliz na escolha e eu choro convosco, esse acto irreflectido.

Exmas. sras.. Meus srs..

Permitti que eu aproveite a oppor-tunidade que me foi offerecida pela gentileza desmedida desses nobres arautos do saber para fazer ligeiras considerações sobre um facto que se me depara de magna importancia e que é o preparo do character da creança para a concepção do sentimento de patria.

Srs.. Fôrmar o homem, preparando o seu espirito; fôrmar o cidadão despertando o animo; fôrmar o defensor imperterrito da patria sem lhe desenvolver a vaidade; deve ser a preocupação não só dos mestres, mas tambem dos paes e, particularmente, das

mães, a quem cabe uma parcella encr-me de responsabilidade na educação dos filhos.

A estas compete a primeira educação de seus filhos e, entretanto, é forçoso dizer, muitas e muitas vezes ellas são as peias mais emmaranhadas, as mais fortes barreiras, os mais resistentes obstaculos para a realização do problema da educação.

Não é difficil encontrarem-se mães que ao envez de dizerem: — meu filho, em casa tua mãe sou eu; no mundo tua mãe é a patria; na escola tua mãe é a mestra; ao envez de secundarem os esforços dos mestres, reprehendendo severamente os seus filhos quando procederem mal na escola; ao envez de aconselharem a pratica do bem para que seus filhos pratiquem o bem instinctivamente, procuram separar a instrução da educação, que se deve achar intimamente ligadas em uma harmonia indissolúvel.

Temos, então, nessas creanças, a flôr sem perfume, a formosura sem virtude, o corpo sem alma. E com esses dois elementos divorciados debatem-se os individuos

«Como la pluma de un ave
Que em giros mil lleva el viento».

Quando por uma reprehensão talvez um pouco aspera por parte do mestre, a creança, arditosamente, leva para casa uma lagrima, esta toma para seus paes a proporção de um crime de lesa direito e deante da creança fazem as maiores imprecções aos mestres, apagando por completo a fé que as creanças devem ter em seus guias. Já disse Spencer: — «o assumpto que absove em si todos os mais assumptos e que deve, por consequencia, fôrmar o ponto culminante da educação é a theoria e a pratica da educação».

Bons paes são aquelles que secundando os esforços dos mestres, exigem de seus filhos o respeito a si, aos mestres e a veneração á patria.

Bons paes são aquelles que cooperam no esforço dos mestres para a formação do character de seus filhos.

Bons paes são aquelles que com elevação de vistas e com desprendimento apparente do instincto paterno, ap-

provam os castigos que, muitas vezes lhes parecem injustos, impostos pelos professôres

Geralmente se costuma dizer: os filhos de fulano são terriveis, quando se devia dizer: os paes de taes meninos são maus, pois que não estão concios de seus devêres na educação de seus filhos.

No lar, como na escola, sempre exclusivamente as creanças é que são más, entretanto, só excepcionalmente, essa é a verdade. Maus são os paes, maus são os mestres.

Ainda diz Spencer: — «O erro dos que discutem as questões de educação domestica consiste em attribuir todos os defeitos, em imputar todas as difficuldades ás creanças e nenhuma aos paes. Em tudo que diz respeito ao gov-rno da familia, como no que diz respeito ao govêrno da nação, suppõe-se sempre que as virtudes estão do lado dos governantes e o vicio do lado dos governados».

Muitas vezes cabecinhas loiras ou madeixas negras com physionomia intelligente, com a alegria no olhar, o sorriso nos labios e a pureza no coração, no travessear natural das creanças de tenros annos são apontadas como personificações de entidades diabolicas.

Mas o que podemos, sem receio, affirmar é que a falta está na educação que é ministrada a essas creanças; e já disse o poeta:

«A infancia é flor delicada
Que com mimo forte cresce
E, em sendo mal cuidada,
Pende na haste e fenece.»

E' com a falta de cuidado e com a má comprehensão do mister da educação que muitos paes e muitos mestres se desgarram do verdadeiro caminho e matam, por completo, os devêres da creança e fazem desaparecer a responsabilidade relativa que a creança deve e precisa ter de seus actos.

Urge cuidar da educação da creança e da formação de seu character.

Devemos louvar com ardôr e zelo, o cuidado, o capricho por parte dos paes no que diz respeito á formação

do caracter de seus filhos, mas quando conscienciosamente elles lhe fazem sentir que estes têm a responsabilidade de seus actos.

A luta pela existencia, o predomínio do forte sobre o fraco, a selecção natural são factos incontestaveis que cada vez mais se accentuam com vehemencia. Já o disse o poeta:

«A vida é a luta
Viver é lutar.
A vida é combate.
Que os fracos abate
Os bravos, os fortes
Só pode exaltar».

E' necessario desagregar o menino das fimbrias do vestido materno.

E' mister preparar o homem para as intemperies da sorte e fornecer á mulher a energia necessaria para responder, com vantagem, aos trabalhos que lhe são outorgados pela sociedade.

Eduquemos o homem como homem, obrigando-o a gastar energias proprias com as difficuldades que lhes surjam.

A natureza nos prodigalisa milhares de exemplos de selecção natural, e a vida do individuo surge da luta.

E' mister que nos convençamos dessas verdades e, consequentemente, vigoremos o caracter e o animo dos nossos filhos, proporcionando-lhes dessa maneira o vehiculo seguro para sua defesa.

Geralmente temos mais cuidados materiaes com os nossos filhos do que moraes.

Temos, commummente, mais cuidado com o corpo dos nossos rebentos do que com sua alma. De ordinario procuramos saber se nossos filhos estão em logares seguros, não nos occupam se o terreno está moralmente saneado.

Os exaggerados cuidados materiaes são indubitavelmente prejudiciaes.

A creança deve conhecer o perigo para saber por que a mamãe quer evital-o. Uma creança vê uma braza, não conhece a sua acção, quando em contacto com o corpo. E sua mãe a contraria, é seu algoz e ella que não pôde comprehender a causa dessa pro-

hibição, experimenta a raiva e descreê da bondade de sua progenitora.

Que fazer?

Aconselha ainda Spencer: «Si a consequencia da queimadura é insignificante, é preferivel que ella experimente a sensação da dôr e, dessa maneira, experimentalmente, conhecerá os effectos da braza que lhe parecia tão bella.

Meus snrs., Que o individuo só se pôde levantar após ter experimentado a resistencia do sólo; só pode evitar o perigo, estando preparado para tal fim.

O perigo está em toda parte e, si um espirito forte, ás vezes, baqueia deante de um abysmo que se lhe abre aos pés, deante de um acontecimento inesperado, quanto mais um espirito fraco titubeante, inexperiente!

Precisamos pois despertar em nossos filhos um caracter de tempera de aço.

Consenti que vos narre um facto que tendo me entristecido, a principio, depois me proporcionou verdadeiro jubilo.

Um moço distincto da nossa sociedade levava, quotidianamente, o seu filho para a escola, conduzindo-o pela mão e só o abandonava quando as aulas eram iniciadas.

Esse facto entristecia-me por dois motivos: primeiramente, porque era uma desconsideração á escola e aos mestres; em segundo logar porque eu era obrigado a assistir a esse quadro horrivel da má educação moral que esse moço ministrava ao seu filho que me não assistia chamar-lhe a atenção.

E' doloroso divisar-se um abysmo do qual alguém se aproxima, sem que se possa bradar alarme, mas a convenção social muitas vezes nos ordena a calar e nos força a assistir a factos que nos enchem de pena.

Certa occasião apresenta-se esse sr., fazendo-me uma reclamação e, entre nós, se deu, mais ou menos, o seguinte dialogo.

— Vim pedir ao sr. directôr uma providencia com relação a um facto que se deu na Escola Modelo.

— Que tem relação com seu filho?

— Sim, sr. .

— Que é que aconteceu?

— Um menino deu um empurrão em meu filho.

— E que fez seu filho?

— Foi para casa queixar-se.

— E o sr. vem queixar-se ao directôr?!

— Sim, sr. .

— Pois eu não procedia dessa maneira. Quando um meu filho viesse fazer-me queixa de que havia tomado um empurrão eu, pelo menos, lhe daria outro empurrão.

— Mas, sr. professor...

— Perdão, sr., eu ainda não terminei. Em primeiro logar elle tinha na escola um directôr a quem se devia queixar e, em segundo logar, quando um individuo recebe um insulto, tem por obrigação repelli-lo immediatamente.

O que deve acontecer com o sr., commigo e com todo o homem de brio, deve se dar com a creança. Desculpe-me que lhe diga, mas o sr. está educando mal o seu filho. O sr. está inutilizando essa creança com o seu exaggerado zelo. E' necessario dar liberdade á creança para que ella saiba reagir por iniciativa propria. Abandone, meu caro sr., a mão de seu filho; fórme-lhe um caracter persistente; fórme o futuro cidadão capaz para a luta, para resolver todos os obstaculos que se lhe surjam.

Pouco mais ou menos terminou assim a nossa palestra e o nosso moço modificou o seu proceder e já se nota em seu filho um olhar menos tímido, e já nelle se descobre um futuro cidadão.

E, senhores, eu não estou só pensando dessa maneira, pois diz Le Bon: «Ce n'est pourtant qu'en exposant le jeune homme à quelques accidents d'autant moins graves qu'il posséderait un peu les qualités de discipline, d'endurance, de hardiesse, de décision, de coup d'oeil, de solidarité que ces exercices développent vite, qu'on peut lui faire acquerir ces mêmes aptitudes».

Desde que se fórme, na creança, um caracter resolutivo, desde que ella comprehenda que, não obstante a idade, tem a responsabilidade de seus actos, desde que comprehenda os seus deveres sociaes, ipso facto virão os

deveres propriamente civicos e teremos a formação do bom cidadão, do defensor intransigente de sua patria.

E a patria está cheia de ensinamentos civicos!

Minhas caras professorandas!

Precisamos despertar, na creança, um acrisolado amor pela patria sem, entretanto, despertarmos a vaidade.

E, por isso, quando nos referirmos aos nossos valentes guerreiros, em as nossas licções de historia, devemos tornar bem patente que elles se fizeram na luta imposta pelo dever. Devemos tornar bem claro que as brilhantes victorias, alcançadas em campo de batalha, foram dictadas pelo sagrado amor da patria, sem outro fim sinão o de desafrontar-a de um insulto ou da audacia de um invasor atrevido.

Cabe aos paes e aos mestres despertarem carinhosa e desveladamente o sentimento de patria.

E, na escola, o campo é vasto!

Ao mesmo tempo que entre as creanças, os futuros cidadãos, se desenvolve o amor, e como diz Compayré: «L'amour de la patrie, c'est d'abord l'amour de nos concitoyens avec lesquels l'enfant fasse connaissance, ce sont ses camarades de classe», — tambem a historia patria dá-nos um cabedal extraordinariamente grande para o desenvolvimento das licções civicas.

Devemos, pois, narrar episodios historicos, interessantes e que possam concorrer para a resolução do problema em questão.

Consenti, caras professorandas, que vos reproduza alguns desses innumeraveis episodios que tanto embellezaram as paginas da nossa brilhante historia.

«Lençol encarnado tingia um vastissimo campo!

As blusas purpurinas dos paraguayos manchavam as nossas campinas verdejantes.

Approximava-se o momento horrivel de uma luta desigual!

O tenente Antonio João commandava um destacamento composto de onze bravos e, quando via que surgia impetuoso o inimigo, elle com voz firme, resolutamente temerario, diri-

gindo-se aos seus commandados teve com elles este terrivel colloquio :

— Estão todos prompts ?

— Todos.

— Então se amparem com Deus que ninguém se entrega.

— Ninguém se entrega, responderam todos, como se fôra o echo das ultimas palayras do chefe dos heroes.

Já disse alguém — «Era Leonidas no meio dos lacedemonios».

De repente soou o clarim paraguayo. Um parlamentar se approxima.

A bandeira brasileira desdobra-se aos ventos do deserto; parecia ufana de abrigar aquelles doze sublimes insensatos.

Losango amarello sobre fundo verde, côres que mandam um sorriso de consolo ao moribundo quando elle lhes deita olhar de adeus no campo de batalha.

A corôa imperial como que se preparava para descer sobre aquellas cabeças, transformada em corôa de gloria.

Antonio João prezava-se de civilizado e, por isso, recebeu com a maior cortezia o enviado.

A intimação era curta: meia duzia de palavras insolentes, como costumavam alinhar os generaes do Lopez.

O commandante de Doirados rasgou em pedaços o officio que havia preparado com carinho e, a lapis, traçou esta resposta :

«Sei que morro, mas o meu sangue e o dos meus companheiros servirá de protesto solemne contra a invasão do solo da minha patria.

E assignou com mão firme: — *Antonio João da Silva*.

Os paraguayos chamaram-n'o de louco e, não faltou brasileiro que, ao depois, dissesse o mesmo.

Retirou-se o parlamentar e a força inimiga em distancia cercou todo o campo.

Para qualquer lado que os defensores de Doirados deitassem os olhos, viam o cordão vermelho que se estreitava gradativamente.

Na guarnição não houve alma que fraqueasse.

Quanto mais se demorava aquelle ataque desproporcionado, mais crescia o entusiasmo.

— Viva o imperadôr! — gritou de repente Antonio João.

Era o signal de fogo. Os brasileiros dispararam a um tempo as armas, ligeira detonação para aquella vastidão, respondida por uma immensa repercussão.

O heroe brasileiro cahiu ferido mortalmente.

— Fogo! minha gente, fogo! — gritou elle nos arrancos da agonia.

Raros obedeceram á ordem.

Dahi a pouco era arriada a bandeira da paliçada, mas desceu com ufania como bandeira de victoria e, quando tocou ao chão, uma das suas dobras foi ensopar-se no sangue daquelles que tanto a haviam ennobrecido.

Parecia ennobrecer de orgulho.

Este episodio historico é uma soberba lição civica; é um exemplo sublime do sancto amor á patria; é a abnegação levada ao mais alto grau, fazendo desaparecer o instincto da conservação para triumphar o instincto da patria.

Si quizermos salientar o patriotismo brasileiro de uma epoca mais remota dariamos o episodio do rio Formoso onde vinte brasileiros se oppõem á arremettida de quinhentos hollandezes que só conseguem a victoria depois de passarem por cima de dezoito cadaveres não o fazendo sobre o vigesimo porque ferido, fugira a nado.

Este episodio é uma concepção estoica do cumprimento do dever civico.

E si quizermos um meio mais inconcusso, mais incisivo traremos á arena a gloriosa mulher brasileira que nos momentos perigosos da patria, esquece-se da fraqueza que o presumptuoso sexo forte quer emprestar-lhe para exuberante e brilhantemente provar a sua força material e moral, no momento em que muito moço honito sente correr um calafrio pela columna dorsal, no momento em que bellos exemplares do sexo valente experimentam a sensação desagradavel do terrôr.

A historia nos apresenta a figura sympathica de Clara, mulher de Camarão, que se bate heroicamente con-

tra o inimigo, montada em seu corcel, ao lado do seu intemerato marido.

A historia ainda nos apresenta um exemplo de extraordinaria relevancia — o amor á patria suplantando o sentimento que na mulher é o mais poderoso e o mais affectivo, que é o amor materno.

Maria de Souza perdeu dois filhos, e um genro em combate. Ao perder o terceiro filho, chama dois que lhe restavam, um de quatorze e outro de treze annos, annuncia-lhes a morte do irmão; entrega-lhes armas e manda-lhes pelejar, mostrando-se elles dignos de tal mãe!

Si quizermos um exemplo de lucta em pleno mar, em que a impetuosidade das agnas não arrefece e, pelo contrario, salienta o valôr de uma mulher, teremos a peleja de 1714 entre corsarios argentinios e christãos em que Rosa Maria de Siqueira, dando vivas a fé christã affrontou perigos de toda a especie, animando, desta sorte, os guerreiros com a sua temeridade surprehendente.

Não precisaremos sahir do Espirito Sancto para glorificarmos a mulher, encarada sob o aspecto em que a estamos estudando, pois que teremos em Maria Ortiz um exemplo brilhantissimo de heroismo feminino.

Corria o anno de 1624.

Os aventureiros e terriveis conquistadores hollandezes procuravam teozamente apossar-se da entre ilha da Victoria e apezar da resistencia valorosa dos seus habitantes, os hollandezes conseguiram desembarcar e procuraram, a todo o transe, ganhar terreno. Surge então Maria Ortiz que, esperando a passagem dos hollandezes pela ladeira Pelourinho, hoje ladeira *Maria Ortiz*, lhes atira agua fervendo, pondo-os em debandado e animando os soldados nacionaes, faz disparar uma peça que se achava acima de sua casa.

O noberrimo proceder dessa heroína despertou um enthusiasmo excepcional nos combatentes e, dahi por deante, a repulsa do invasôr foi mais veementemente e a victoria dos nossos não se fez esperar.

Não temos, pois, meus senhores, necessidade de ir buscar na historia de outros povos exemplos de civismo e de amor á patria; a nossa historia está repleta de ensinamentos capazes de offuscarem os episodios mais emocionantes da intimidade das outras nações.

Aproveitemos com habilidade essas lições civicas para despertar, na creança, o verdadeiro sentimento de patria.

Devemos, senhores, frisar muito o vocabulo *verdadeiro*, visto como precisamos apagar com o precioso acido - a razão, - a ideia tacanha geralmente concebida de que a patria é exclusivamente o canto em que o individuo nasce.

A concepção geral de patria é erronea, pois que, prevalecendo o egoismo pequeno, o individuo não cogita do desenvolvimento harmonico da nação e, muitas vezes, se sente mal, experimenta a sensação desagradavel do despeito bafejado pelo sopro venenoso da vaidade e do orgulho desmedido, quando sob a mesma bandeira, num dos recantos da mesma patria um punhado de irmãos se destaca pelo merito de um acto qualquer nobre. Desapparece a concepção de patria para surgir a preocupação commoda da familia. Geralmente o individuo se cerca de vantagens, não para prestar um beneficio colectivo, mas sim para um proveito proprio.

Precisamos, pois, distinctas professorandas, desenvolver, nas creanças que nos são confiadas, pujante longanimidade em todos os factos que dizem respeito á patria.

Offereçamos o nosso beneplacito a todos os actos de valôr que se desenvolvam em qualquer canto do nosso torrão e exultemos com ardôr, esses actos perante a infancia que nos procura pedindo o pão de espirito.

Proporcionemos ás creanças uma educação moral e civica verdadeiramente sã, despertando-lhes o sentimento do bem e o amor aos seus concidadãos.

Eis ahi, caras professorandas, um trabalho importante que vos compete.

Ao mestre cabe preparar o caracter da creança, bem como iniciar na escola o exterminio da corrupção de costumes, fazendo triumphar as ideias que põem em primeiro plano a qualidade de cidadão brasileiro, deixando em segundo plano a qualidade de cidadão estadoano.

Caras professorandas!

Operemos na escola uma verdadeira revolução, banindo por completo os methodos e processos archaicos; luctemos contra o carrancismo carcomido dos elementos retrogradados e divulguemos o ensino contemporaneo com todo o seu esplendôr. Desta maneira as creanças correrão para a escola pressurosas e sedentas de saber; ellas hão de encarar o mestre como o seu maior amigo e bemfeitôr.

Preparemos vigorosamente o caracter da creança; fortifiquemos o seu espirito; fôrmemos o verdadeiro cidadão servindo-nos de baluarte as comemorações civicas das datas nacionais e de estribilho o verso do mavois poeta:

Creança! não verás paiz nenhum como este;
Imita na grandeza a terra em que nasceste!

Operemos essa revolução com fé nas palavras do illustre mestre:

«Quando um grandioso acontecimento, uma nova e fecunda instituição que interessa em grau supremo a civilização e a humanidade apparece na vastissima scena da historia e se destina a transformá-la inteiramente a vida moral e physica dos povos, pôde assegurar que se nasce já como a Minerva mythologica, armada e apercebida para a lucta e para a victoria. Todas as resistencias hão de abater-se perante a sua força irresistivel; todas as tradições hão de emmudecer em presenca de sua voz eloquentissima; todas as trevas hão de adagaçar-se e desaparecer ao vivissimo clarão de sua luz».

Tenhamos, pois, o valôr dos argonautas gregos e seja a educação civica do nosso povo a nossa Argos.

Ide, gentis professorandas, gastar as vossas energias no engrandecimento do Espirito Sancto, que a Patria inteira bemdirá os vossos nomes.

Ide, encetar os vossos trabalhos arduos, cheios de responsabilidade, com os olhos voltados para a patria e com o coração entregue ao Ceo.

Sêde felizes!



ALGUMAS PALAVRAS

ao inaugurar-se o estandarte do G. Escolar do Cambucy, em
25 de novembro de 1908, pelo prof. Ramon
Roca Dordal

Sr. directôr, sras. professoras, srs. professores, gentis creanças, minhas senhoras, meus senhores.

Deveram ser de desculpa e não de agradecimento as minhas primeiras palavras.

A' extrema bondade de distinctos companheiros, devo, sem duvida, a immerceda honra de dirigir-me a vós neste momento tão festivo e solemne.

Inaugura-se na Capital Paulista, graças á liberalidade de Paes e de Mestres, de governantes e governados, mais um rico estandarte, dos tantos que guiam e hão de conduzir as legiões infantis á conquista do futuro.

Não me demorarei em accentuar quanto a escolha foi menos feliz e quão mais proveitoso fôra a este estabelecimento convidar quem mais soubesse, quem mais possuise, quem mais pudesse dar!

Que poderei eu trazer, que poderei eu oferecer-vos sinão pallidas phrases a se espelharem nas consciencias claras, nos pensamentos puros destas alegres creanças, afagando a esperanca de que, apezar de seus variados matizes, unidas pelos beneficos laços do mais providente e paternal affecto, havemos de conseguir que ellas concorram a completar a definitiva glorificação desta poderosa nacionalidade — a Republica Brasileira?

Mais um estabelecimento de ensino á infancia destinado, mais um estandarte a lembrar quantos afagos, quanta bondade, quanto ensinamento encontrarão aquelles que tiverem a felicidade de ser aqui educados!

São Paulo, depositario das tradições de seus heroicos sertanejos, foi em breve respeitada e admirada pelo valôr de seus filhos, pela honestidade de seus habitantes.

Mais tarde, o Paiz, forte e rico, quiz ser livre e é em seu sólo abençoado, em suas verdejantes e amplas campinas, ahi bem perto, que se realizou a sua Independencia.

Parece que os patriotas paulistas haviam de se considerar satisfeitos, mas a *Liberdade*, deusa adorada, tem altares, precisa que cada vez mais augmentem os sacrificios que lhe são feitos.

Assim caminha a Humanidade.

O patriotico esforço continúa e São Paulo precipita a evolução nacional, dando, entre tantos propagandistas notaveis, o peregrino espirito de um Silva Jardim, que, não querendoque o advento da Republica surprehendesse a nenhum brasileiro, a todos foi annunciar a proxima proclamação, essa data memoravel em que, de um modo altivo e humano, se completou em 15 de novembro de 89, a nossa emancipação!

No emtanto, o fulgente *Lemma* que bem de pressa é escripto em nosso *Pavilhão*, a legenda — Ordem e Progresso — dada ao Povo após a transformação realizada, empenhou os sinceros patriotas em outra quicá mais meritoria jornada.

A *Ordem* estava assegurada: o mutuo respeito era a sua maior conquista.

O *Progresso*, eis o que se torna indispensavel realizar, constante, não interrompido em todas as mais bellas manifestações do espirito humano, para que o sacrificio de nossos martyres, á semelhança de tantas victimas tombadas em holocausto á Liberdade, não fiquem do Povo conhecidos e desamados.

E o *Progresso* ha de continuar sempre ininterrompido e cada vez mais acelerado, porque as leis sociaes, a semelhança das leis phisicas, hão de realizar-se onde se erguerem estes estandartes, que o idealismo, no que elle tem de mais bello e humano, recama e adorna para ser a synthetisação dos sorrisos infantis.

Sim, creanças, os vossos mestres vos apresentam este Estandarte para que vos sirva de guia no cumprimento de todos os deveres de bons e dedicados filhos desta terra!

Do mesmo modo que o vosso, muitos estandartes existem hoje, felizmente, na Patria Brasileira, no Estado Paulista.

São elles a mais delicada synthese destas bellas casas dedicadas ao ensino popular, lembrando, cada uma e todas ellas, os actos de nobre iniciativa, de grande previdencia, de inexcedível patriotismo de cada um dos preclaros cidadãos que têm tido modernamente a felicidade de dirigir os destinos do povo paulista!

E elles os mandaram erguer para mais vivamente fazer brilhar o lemma de *Ordem e Progresso* inscripto em nosso augusto Pavilhão.

Seus nomes devem ser por vós venerados.

Quizera citar-vos esses nomes; no entanto, não o farei: poderia esquecer algum e o meu esquecimento pareceria ingratição.

Vossos mestres vos dirão que elles são muitos; de cada um vos falarão rapidamente e então apprendereis a amal-os, a veneral-os, porque só um povo que venera seus filhos dilectos, seus grandes homens, está fadado a grandes destinos.

Elles vos preparáram estes palacios encantados em que cada uma das vossas mestras, cada um dos vossos mestres, vos mostram diariamente as maravilhas de nossa terra, as bellezas de nossa privilegiada natureza, o esplendôr do nosso ceo, coisas essas só comprehendidas e apreciadas por aquelles que apprendem cultivando o espirito e educando o coração.

Eis o que representa o estandarte que eu confio á vossa guarda — symbolo das mais nobres aspirações do passado: servir-vos-á de guia para o bem na conquista do futuro!

São os meus votos.

Elevae e honrae vosso *Estandarte* porque assim elevareis e honrareis a Patria.



FESTAS ESCOLARES

(Transcripto do *Correio Paulistano*)

As festas escolares realizadas ultimamente nos nossos estabelecimentos de ensino publico, para solemnizar o encerramento do anno lectivo, suggeriram-nos algumas observações, que julgamos opportuno aqui external-as.

Ha alguns annos atraz, quando o nosso apparelho escolar, então archaico e defeituoso, começou a soffrer refôrmas profundas e radicaes, modificações intelligentes e sábias, era justo, mais do que justo ainda, era uma necessidade inadiavel, á medida que fossem surgindo as escolas-modelo e grupos escolares, que tambem surgisse e fosse logo posta em pratica a ideia de tornar bem patente e clara a excellencia da nova processologia applicada ao ensino. E a razão era obvia: o estado deploravel das antigas escolas régias pesava ainda no espirito publico; o nivel da instrucção tinha baixado a tal ponto, no conceito geral do povo, que parecia impossivel reerguel-o jámais.

Dahi a necessidade de demonstrar positivamente o erro em que persistiam os paes, desprezando as escolas publicas, para confiar a educação de seus filhos aos estabelecimentos particulares de ensino.

Surgiu, então, a feliz ideia das festas escolares no fim de cada anno lectivo, pelas quaes se pudesse tornar bem frizante o desenvolvimento admiravel e real das creanças educadas nas primeiras escolas-modelo e grupos escolares creados. Era uma verdadeira propaganda, cheia de opportuidade, em prol do ensino publico, em periodo de reorganisação; propaganda que se im-

punha em favor do advento da instrucção entre nós, sobre a qual se reflectia a pouca ou nenhma confiança que as antigas escolas régias inspiravam.

Tudo, então servia de armas para essa nobre campanha; lançava-se mão de todos os recursos para esse fim. Exames publicos, exposições, certamens literarios e musicaes, exercicios militares, torneios gymnasticos, trabalhos manuaes, jogos ao ar livre; de tudo se aproveitou o operoso professorado paulista, em prol dos novos institutos.

A vista das provas magnificas apresentada por esses estabelecimentos, o resultado não se fez esperar; á vista da superioridade dessa casa de instrucção, os collegios particulares, dentre os quaes muitos de fama, fôrão declinando, ao passo que era uma verdadeira lucha a conquista de um logar nas escolas-modelo e grupos escolares.

Multiplicaram-se então essas casas de ensino, e até hoje contiuiam a multiplicar-se, ao mesmo tempo que, dia a dia, augmenta a confiança dos que as procuram com ardôr, para a educação de seus filhos.

Estão ellas, no geral, bem organizadas, e a attenção do governo e daquelles, a cuja direcção se acham as mesmas confiadas, não se desvia um só momento, para que o ensino continue sempre a sua marcha progressiva.

Não ha, pois, mais razão de propaganda; esta, que a principio era considerada como uma necessidade, não tem hoje mais cabimento.

Parece nos, portanto, que as festas escolares devem agora limitar-se a uma

boa exposição de trabalhos do anno lectivo e proporcionar ás creanças uma excursão campestre, havendo, nessa occasião, si possível fôr, distribuição de premios aos alumnos.

Sessões literarias, torneios gymnasticos, etc., etc., são actualmente exhibições dispensaveis, porque já perderam a actualidade; não têm proveito algum.

Satisfaçamo-nos em saber que todas as disciplinas contidas nos respectivos programmas são cumpridas á risca e suas aulas aproveitadas pelos alumnos.

E' urgente abolir as festas escolares, da maneira por que têm sido realizadas, e a razão é a seguinte:

O desejo, aliás louvavel, de revestir de todo o brillantismo esses certamens, tem sido levado ao excesso, pelo que já se vai resvalando para um terreno completamente extranho á escola. Assim é que, em alguns casos, temos assistido a verdadeiras exhibições theatraes, incompatíveis com a natureza essencialmente pratica e educativa dos estabelecimentos de ensino, o que não deixa de revelar perda de tempo, que

podia ser empregado em cousas mais uteis.

Felizmente, este mal não é geral: si ha directôres de grupos que ainda se não compenetraram de que as festas escolares devem ser puramente uma repetição bem organizada e bem seleccionada de aulas dadas durante o anno lectivo, ha a maioria delles que assim entende e assim tem realizado as suas festas de fim de anno.

Entretanto, para que o modo de pensar dos primeiros não se propague, é preciso, é urgente, acabar de vez com esses festejos.

Porque não trocar esse habito por outros que estão se iniciando em nossas escolas, como os de commemoração das datas nacionaes, da festa da bandeira, duma importancia decisiva na educação, e que pode ser realizado como festas intimas, como aulas cívicas, sem pompas, nem apparatus?

Façam, pois, os nossos professôres estas festas, como um dever imposto pela grandeza da sancta missão que exercem e acabem de vez com as festas escolares de fim de anno, ou pelo menos com as de character theatral.

JOÃO BECKMAUN.



MOVIMENTO ASSOCIATIVO

A séde da Associação Beneficente do Professôrado Publico do Estado é á rua de Sancta Thereza, n. 28.

Acha se aberta, nos dias uteis, das 6, ás 9 horas da noite.

Toda a correspondencia social deve ser enviada para a séde.

O presidente da Associação, sr Fernando Martins Bonilha Junior, reside á rua da Tabatinguera, n. 17; o thezoureiro, sr Izidro Deuser, á rua Vergueiro, n. 112; o 1º secretario, sr. Demosthenes Marques, á rua Barão de Iguape, n. 64; o procurador, sr. José Theodoro Xavier Sobrinho, á rua Conselheiro Ramalho, n. 120.

O thezoureiro é diariamente encontrado na séde social, das 7 ás 8 horas da noite.

O quadro das mordômas para o corrente anno, é o seguinte:

Fevereiro — d. Genoveva de Almeida Motta, residente á rua do Carmo, n. 54;

Março — d. Brazilia Ilidro da Silva, residente á rua da Tabatinguera, n. 5;

Abril — d. Guiomar dos Sanctos Torrezão, residente á rua da Tabatinguera, n. 33;

Maió — d. Maria Esmeralda Ceslau de Moura, residente á rua Monsenhôr Andrade, n. 18;

Junho — d. Isabel de Serpa e Souza, residente á rua Tres Rios, n. 8;

Julho — d. Guiomar Silva, residente á Avenida Celso Garcia, n. 315;

Agosto — d. Ignez Augusta da Concição, residente á rua Rodrigo Silva, n. 17;

Setembro — d. Lucinda Maria Braga, residente á rua Rodrigo Silva, n. 17;

Outubro — d. Maria do Carmo Pinto da Silva, residente á ladeira Quirino de Andrade, n. 35;

Novembro — d. Alice S. Avila de Macedo, residente á rua Carlos Gomes, n. 32,

Dezembro — d. Avelina Reis Vieira, residente á rua Conselheiro Furtado, n. 97;

Janeiro de 1910 — d. Catharina Ceslau de Moura, residente á rua da Tabatinguera, n. 34.

A Directôria, eleita a 14 de janeiro, empossada a 17 do mesmo mez e que tem de servir durante o corrente anno, é a seguinte:

Fernando Martins Bonilha Junior—presidente.

Alfredo Bresser da Silveira—vice-presidente;

Izidro Denser—thezoureiro;

Demosthenes Marques—primeiro secretario;

Sebastião Lang—segundo secretario;

José F. Marcondes Domingues—primeiro directôr;

Salustiano Leite de Oliveira—segundo directôr;

Antonio Pereira Baptista, Alfredo Machado Pedrosa e Frontino Ferreira Guimarães, membros do Conselho fiscal.

A *Revista de Ensino* é publicada sob a responsabilidade da Directôria, mas o seu edictôr-responsavel é o presidente da Associação.

O redactôr-secretario deste organ é o sr. professôr Augusto Ribeiro de Carvalho, a quem deve ser dirigida toda a correspondencia que diz respeito áquella publicação, á caixa postal, 183.

Os preços da assignatura da *Revista* são os seguintes:

Anno 5\$000;
Num. Avulso . . . 1\$500.

Todos os socios quites são considerados assignantes da *Revista*, sem retribuição alguma.

Os associados podem obter a *Revista* com abatimento de 50% sobre os preços de assignatura.

A directória, de acôrdo com o art. 42 dos Estatutos, poz em execução um regulamento da caixa de auxilios condicionaes, o qual será distribuido a todos os associados.

Afim de evitar reclamações relativamente á correspondencia, é de grande necessidade que os srs. associados, sempre que mudem de residencia, o communique ao secretario.

Postos medicos

1) — *Dr. Carlos Meyer*. — E' encontrado na sua residencia, á rua Sebastião Pereira, n. 72, até ás 9 horas da manhã. Dá consultas gratuitas aos associados e faz visitas diurnas ás suas respectivas familias na capital pelo preço de 5\$000. Também se propõe a fazer gratuitamente analyses em escarros, catharros e outras substancias, para elucidação de diagnosticos clinicos.

2) — *Dr. Roberto Gomes Caldas*. — Dá consultas nas mesmas condições do dr. Meyer.

Consultorio — rua de S. Bento, n. 38;
Residencia — rua Major Quedinho, n. 5.

3) — *Dr. Lycurgo Pereira*. — Presta seus serviços clinicos nas seguintes condições:
Visitas, 5\$000;

Consultas aos associados, gratis.

Consultorio — rua de Sancta Thereza, n. 9.

4) — *Dr. N. Soares Couto*. — Presta seus serviços clinicos aos associados nas seguintes condições:

Visitas nos domicilios, 5\$000;
Consultas 3\$000;

Residencia e consultorio — rua Duque de Caxias, n. 28.

Dentistas

1) — *Jayme Teixeira*. — Cirurgião dentista, Presta seus serviços profissionaes, aos associados e ás suas familias por preços modicos.

Gabinete e residencia á rua General Jardim, n. 63.

2) — *Mario Las Casas*. — Presta seus serviços profissionaes por preços modicos.

Gabinete — largo de S. Bento, n. 12.

3) — *Julio E. de Santanna*. — Cirurgião dentista, trabalha em prestações para os professores e faz o abatimento de 20%. Rua da Consolação, n. 30.

Observação — Os srs. associados devem tractar, previamente, os preços relativos aos trabalhos da arte dentaria, afim de serem evitadas reclamações possiveis.

Pharmacia

Fornecem medicamentos aos associados com abatimento de 20%:

1) — *Pharmacia de Sancta Thereza*, de Ignacio Puiggari, á rua de Sancta Thereza, n. 9.

2) — *Pharmacia e drogaria* de João dos Santos e Comp, á rua de S. Bento n. 66.

3) — *Pharmacia Assis*, de C. de Assis Ribeiro, á rua 15 de Novembro, n. 9.

Relatorio apresentado pelo sr. Presidente, em sessão da Assembleia Geral, realisada a 17 de janeiro do corrente anno.

Em obediencia aos nossos Estatutos venho expôr-vos o que de mais importante occorreu durante o anno de 1908, tendo em vista os interesses dos nossos consocios e os ideaes da Associação que, pela vossa generosidade e prova de absoluta confiança, tenho presidido mais de uma vez.

No lapso do anno decorrido muito caminhou a nossa agremiação, desenvolvendo os beneficios a que têm direito os seus socios, o que, de um modo inilludível, attesta a sinceridade no cumprimento das disposições estatuaes.

O augmento de associados, que se tornou digno de menção, é uma prova de que a classe do professôrado publico de S. Paulo sabe bem aquilatar os serviços que tem prestado a nossa agremiação.

Até 31 de dezembro ultimo subia a 704 o numero de professores que se incorporaram aos collegas que têm defendido a Beneficente do Professôrado Publico Paulista, e, portanto, os interesses da classe a que pertencem.

Dos 704 associados existentes, são effectivos 658, remidos, 42 e honorarios, 4. Pelo balancete annual verifica-se o seguinte movimento: 46:912\$392 para a receita; e 17:787\$650 para as despezas; havendo um saldo de 29:124\$742.

Figuram como verbas de despeza . . . 1:785\$000 para pensões a 6 viuvias de collegas; 3:005\$000, para os auxilios definitivos prestados a 13 associados que recorreram á Directoria e que foram attendidos; 6:610\$000 para os emprestimos feitos a 26 associados, que se acha-

vam nas condições do art. 37 dos nossos Estatutos e 6:387\$650 para pagamento de expediente, advogado, zeladôr, procuradôr, cobradôr, escrevente, impressão da *Revista de Ensino* preparo de papeis de associados e aquisição de moveis e utensilios.

A Directória realizou durante o anno 27 sessões, sendo 22 ordinarias e 5 extraordinarias.

Devo, antes de concluir esta exposição, deixar aqui assignalada a minha gratidão aos dignos collegas que se houveram com a maxima dedicacão no desempenho de seus cargos.

Agradeço a collaboração efficaz do Redactôr-Chefe da nossa *Revista de Ensino*, bem como a dos collegas que têm continuado com a sua competencia a manter com brilho as diversas secções da mesma *Revista*.

E' me grato assignalar os bons serviços prestados pelas Ex.mas collegas, que desempenharam o cargo de mordômas patenteando-lhes o agradecimento da Directória.

Aos auxiliares, que tão sollicitamente secundaram a Directoria, deixo aqui um voto de louvôr pelo muito que fizeram em prol dos interesses sociaes.

FERNANDO MARTINS BONILHA JUNIÔR

presidente.

A O FORNECEDOR S

DAS ESCOLAS PUBLICAS

TELEPHONIO, 1398

Rua José Bonifacio, 29 — S. PAULO



Carabina escolar de fabricação propria, distinctivos e medalhas para premios.
Fardamentos escolares e fabrica de bonés. Unica casa neste ramo que fornece tudo que é preciso para os grupos escolares, lyceus e collegios particulares.
Secção de exercicios militares — armamentos, espadas, tambôres, cornetas, divisas, especialidade em estandar-tes bordados, bandeiras e cortinas.
Vestimentas historicas e phantasticas para representar

A. BOGGIANI

CASA DE CONFIANÇA — IMPORTAÇÃO DIRECTA
 Fornecedôr das Escolas Publicas desde o anno de 1884

Associação Beneficente do Professorado Publico do Estado de S. Paulo

Balancete de 1.º de janeiro a 31 de dezembro de 1908.

R E C E I T A		D E S P E Z A	
Saldo existente em 31 de Dezembro de 1907	7 874 055	Auxilios definitivos em casos de doença e morte	3 005 000
Annualidades, joias e diplomas	12 773 000	Pensões a viúvas	1 785 000
Auxilios condicionaes restituídos	7 929 000	Auxilios condicionaes	6 610 000
Adiantamentos restituídos	137 600	Adiantamento para preparo de licenças, etc.	197 100
<i>Revista</i>	64 500	Ordens e porcentagem ao cobrador	2 537 400
Sellos vendidos	10 000	Estampilhas, sellos e portes do Correio	199 350
Juros dos Bancos e da Caixa Economica	310 197	<i>Revista</i> publicações e expediente	1 774 700
		Movéis e utensilios adquiridos	25 000
		Despezas extraordinarias	1 654 100
MOVEIS E UTENSILIOS:		<i>Movéis e utensilios</i> : valor dos existentes	1 193 280
Valor dos existentes com abatimento de 10 %	1 193 280	<i>A receber</i>	16 620 760
		Saldo em 31 de dezembro de 1908	11 310 702
A RECEBER:			
Letras a vencer	4 185 000		46 912 392
Letras, vales e obrigações dos antigos empréstimos	12 241 960		
Saldos em poder de delegados	57 000		
Adiantamentos para preparo de licenças, etc.	62 800		
<i>Revista</i> , collecção vendida a um socio.	20 000		
Apostamentos de letras	4 000		
Deposito na Companhia do Gaz	50 000		
	46 912 392		

S. Paulo, 31 de dezembro de 1908.

Fernando M. Bonilha Junior, presidente.

S. E. ou O.

Izidro Denser, thesoureiro.

Vendem-se collecções encadernadas

DA

REVISTA DE ENSINO

REVISTA DE ENSINO

Brevemente sahirá á luz um livro, contendo, as lições publicadas na «Revista de Ensino», pelo prof. Augusto R. de Carvalho.

Será dividida nas seguintes partes: *escola de recruta sem arma; escola de recruta com arma; escola de esquadra; escola de companhia; escola de batalhão; toques de corneta relativos a cada porte do livro.*

O ADEPTO



Esta importante obra é a mais completa que se tem publicado sobre os conhecimentos **Indús** e suas praticas.

O leitor nella encontrará a maneira pela qual os Fakires desenvolvem suas forças occultas e as põem em execução, para produzir os mais surprehendentes phenomenos que se possam imaginar, como sejam:

Materializar e desmaterializar qualquer objecto, actuar a distancia, desdobramento do corpo astral, materializar espiritos, pôr-se em relação com o além, transmittir o pensamento a milhares de leguas, fazer germinar qualquer semente, dominar as multidões, convencer os incredulos com factos positivos, curar os doentes por processos occultos, em fim revelando todos os mysterios occultos dos yogis Indús.

Traducção auctorizada do **Brazil Psychico Astrologico**.
Preços: brochado, 3\$000; cartonado, 4\$000; encadernado em luxo, 5\$000.
Pedidos a redacção d'**O Pensamento** — Rua Senadôr Feijó, A-1.

S. PAULO

Parecer do Conselho Fiscal

O Conselho Fiscal, tendo examinado as contas do anno social de 1908 e achando-as conforme com os documentos apresentados pelo sr. Thesoureiro e tudo em perfeita ordem, é de parecer que as mesmas sejam approvadas.

S. Paulo, 31 de dezembro de 1908.

ALFREDO MACHADO PEDROSA, *relatôr,*

ANTONIO PEREIRA BAPTISTA,

ALFREDO BRESSER DA SILVEIRA,

O 1.º secretario,

DEMOSTENES MARQUES.

NOTICIARIO

PROFESSÔRES EM COMMISSÃO

O grande conceito, de que gosa o magisterio de S. Paulo, levou os homens publicos de alguns Estados do Brazil a convidar professores paulistas para a refôrma das escolas e dos processos pedagogicos em seus estabelecimentos de ensino.

Quasi nada havia feito o magisterio local e era preciso, por isso, que os commissionedos de S. Paulo praticassem uma organisação completa da instrucção primaria.

O actual e interino inspectôr geral do Ensino, e directôr effectivo da Escola Normal de S. Paulo, foi — vai por muito tempo — distinguído tambem pela honra de uma tal empreza, no Estado do Maranhão; mas, não a pôde fazer nem iniciar então por via de circumstancias imprevistas.

O professor Augusto Ribeiro de Carvalho, nosso redactôr-secretario e que exerce o magisterio na Escola-modelo annexa á Escola Normal, tambem mereceu magna distincção da parte do Governô desse mesmo Estado, a 20 de junho de 1899.

Convidado pelo ex.mo sr. senadôr Benedicto Leite, por intermedio do eminente educadôr dr. João Köpke, para organizar a Escola Modelo do Maranhão, onde devia permanecer sete annos até definitiva installação de todos os annos do curso, e onde continuaria depois de concluido esse trabalho como directôr da Escola-modelo e vice-directôr da Normal — o professor Augusto Ribeiro de Carvalho declinou da honra da missão, allegando motivos ponderosos e justos.

O sr. professor Orestes Guimarães, ex-directôr do grupo escolar de Botucatu, esteve recentemente em Sancta Catharina, trabalhando para o renome da escola paulista, no Collegio Municipal, de Joinville.

«Nós exames em que estivemos presentes — diz a *Gazeta de Joinville* — só adquirimos motivo para felicitar o sr. Orestes Guimarães e seus dignos auxiliares ante o aproveitamento dos alumnos em todas as materias arguidas: portuguez, arithmetica, historia natural, geographia, allemão, francez, educação civica, etc..

Nos exames do 4.º anno, (não se podia desejar melhor), foi um successo completo que ultrapassou toda a nossa expectativa.

Lamentamos tão sómente que tão proveitoso directôr tenha que abandonar o seu logar pela conclusão do contracto.

Sabemos que outro directôr virá de S. Paulo substituil-o. Oxalá que sejamos bem servidos como fômos com o sr. Orestes Guimarães».

Não se poderia esperar outra coisa de um mestre paulista.

O sr. professor Carlos Alberto Gomes Cardim, inspectôr da escolas annexas á nossa Escola Normal, está em commissão no Estado do Espirito Sancto, onde creou a Escola-modelo «Jeronymo Monteiro».

O seu trabalho, em curto lapso de tempo, foi um verdadeiro successo para o magisterio de S. Paulo.

Directôr aqui de um estabelecimento analogo, facil lhe foi lá pôr em funcção a escola-modelo annexa á Norccção a escola-modelo annexa á Normal; e essa qualidade é uma garantia de exito e mostra que chegará o sr. professor Cardim ao terno da honrosa missão, cercado pela admiração do Governô espiritosantense e saudado pelos applausos do povo e das familias.

A esses dois paulistas que elevam o nome de nossa terra — os cumprimentos da *Revista de Ensino*.

NOTAS ESCOLARES

PROGRAMMA

DA FESTA DE ENCERRAMENTO DO CORRENTE ANNO LECTIVO NO

Grupo Escolar «Coronel Nogueira Cobra»

A realizar-se no dia 30 de novembro no theatro Sancta Cecilia

BANANAL

1908

1.ª Parte

A'S 7 1/2 DA NOITE

- a) Piano—Weber, *Mouvement perpetuel* —op. 68, pelo professor Candido Marinho d'Oliveira.
- b) Entrada das alumnas no palco entoando o hymno—*Proclamação da Republica*—acompanhado ao piano pela eximia professora d. Carlota Trigueirinho.
- c) *O Travesso*—poesia pela alumna do 2.º anno Heloisa Azevedo.
- d) *A Cestinha*—poesia pela alumna do do 1.º anno Maria da Gloria Porto.
- e) *O sonho de Cabral*—pela alumna do 3.º anno Maria José de Freitas Ramos.
- f) *A Escola*—poesia pela alumna do 3.º anno Alzira Michoia.

2.ª Parte

- a) Piano—Chopin, *Phantasia impromptue*—pelo professor Candido Marinho d'Oliveira.
- b) *A boa irmazinha* — comedia pela alumna Julieta Ramos e pelos alumnos Oscar Ramos, Hercilio Rocha e Americo de Magalhães Gomes.

- c) *Um segredo*—poesia pelo alumno do 2.º anno, Americo de Magalhães Gomes.
- d) *O devanear de sceptico*—poesia pela alumna do 4.º anno Almerinda Ribeiro.

Intervallo de 5 minutos.

3.ª Parte

- a) Piano—C. Gomes, *Guarany* (symphonia)—pelo professor Candido M. de Oliveira.
- b) Entrada das alumnas no palco entoando o hymno—*15 de Novembro* — com acompanhamento ao piano pela ex.ma professora d. Carlota Trigueirinho.
- c) *O estudante alsaciano*—poesia pela alumna do 4.º anno Alzira Fragoso.
- d) *Procellarias*—poesia pela alumna do 4.º anno Alvina Rocha.
- e) *Diante de um Crucifixo* — poesia pela alumna do 4.º anno Anna Pereira.

Intervallo de 5 minutos.

4.ª Parte

- a) Piano—Verdi, *Aida*—op. 13—pelo professor Candido Marinho d'Oliveira.

- b) *A Cruz de Ouro*—comedia pelo alumno Juvenal Vianna e as alumnas Alydêa Azevedo, Maria da Conceição Costa e Maria José de Oliveira.
- c) *Ultimas pila ras de um condenado*—poesia pela alumna do 4.º anno Julieta Ramos.
- d) *O nariz*—poesia de B. Guimarães pelo alumno do 2.º anno Juvenal Vianna.

Intervallo de 10 minutos

5.ª Parte

sob a presidencia do ex.mo sr. dr. Geraldo Leite Magalhães Gomes, d. d. juiz de direito :

- a) Piano—Raff, *La Fileuse* op. 53—pelo professor Candido Marinho d' Oliveira.
- b) Entrega de cartões de promoção, diplomas de habilitação e premios aos alumnos.
- c) Conferencia sobre thema analogo, pelo conhecido mestre e delicado literato Luiz Pires, o qual, a convite do director do estabelecimento, accedeu em abrilhantar esta festa de luzes e de encantos—tal é a festa das creanças.

Bananal, 26 de novembro de 1908.

O Director,

IZALTINO DE MELLO.

- d) Piano—*Walsa-Chopin*—pelo professor Candido Marinho de Oliveira.
- e) *Hymno Nacional*—pelas alumnas, com acompanhamento ao piano, pela ex.ma professora d. Carlota Trigueirinho.

Notas

- a) Salvo os convites especiaes ás auctoridades e pessoas ou corporação de representação official, não haverá outros.
- b) O director deseja o comparecimento de todos quantos se interessam pelas coisas do ensino; sendo porém, limitada a lotação do theatro *Sancta Cecilia*, onde se realizará a festa, avisa que distribuirá, nos dias 29 e 30, **Ingressos** para o mesmo theatro, sem o que nenhuma pessoa poderá comparecer.
- c) Pede-se tambem aos srs. assistentes o obsequio de não tomar no theatro os logares reservados aos alumnos e alumnas do grupo; bem assim não procurar accommodar seus filhos, não alumnos, naquelles logares, visto estarem os mesmos com a lotação calculada.

Escola Normal

Foi nomeado director da Escola Normal o sr. dr. Ruy de Paula Souza, lente de francez do referido instituto de ensino.

Dotado de um espirito esclarecido, tendo sido educado no *Velho Mundo*—reune o dr. Paula Souza, os predicados necessarios para substituir, embora interinamente, ao ex.mo sr. dr. Oscar Thompson, indicado inspector interino da instrucção publica.

Inspectoria Geral de ensino

Foi exonerado do cargo de inspector geral do ensino o sr. prof. João Lourenço Rodrigues. O sr. João Lourenço Rodrigues desempenhava a sua espinhosa tarefa a contento geral.

Si mais não fez, foi porque a politica lhe embaraçou os passos, tolhendo-lhe tambem a liberdade de acção.

Ser inspector geral de ensino apenas para não ficar o posto desguarnecido; ser inspector geral do ensino, como mumia inactiva e inerte, incapaz de uma ideia, de uma iniciativa—repugna, mesmo até, ás consciencias pequeninas e vazias de sentimentos.

O sr. João Lourenço quiz acertar; mas, nem sempre pôdemos pôr em pratica os planos que concebemos, mórmente quando somos apenas uns subordinados aos caprichos, ás decisões de superiores pretenciosos, sem orientação nem principios.

A' sua propria custa, levado pelo apêgo á causa do ensino, esteve s. s. nos Estados Unidos da America do Norte, onde passou alguns mezes contemplando a sua grandiosa e inegualavel organização pedagogica.

Embora o govêrno não lhe houvesse encommendado o *sermão*, o sr. João Lourenço apresentou, ás auctoridades do ensino, os resultados das suas pesquisas e das suas observações: fez um relatorio.

O Govêrno, attendendo a tanta competencia e a todos os esforços gastos pelo sr. João Lourenço, por amor ao ensino paulista—resolveu recompensar-lhe tamanho desinteresse e excessiva dedicação, exonerando-o do cargo....
Sic transit gloria mundi!

Dr. Oscar Thompson

Foi nomeado inspector geral do ensino, em commissão, o sr. dr. Oscar Thompson, director effectivo da Escola Normal.

Cercado de todo o prestigio do sr. Secretario do Interiôr e do Govêrno, facil lhe será arcar com todas as responsabilidades do cargo.

De pleno acôrdo com o Govêrno, não lhe faltarão, portanto, recursos nem auxilios, para lhe darem realce aos espinhosos trabalhos do posto, á sua melindrosa missão.

Assim seja, para proveito do magisterio paulista.

S. s., que já foi professor e que conhece os segredos, os embaraços e as miserias que impedem sempre o bem-estar do alumno e do mestre, numa simples escola isolada—

poderá trabalhar para, pelo menos, ser abrandada a semcerimonia com com que a politica se intromette na escola, suppondo-a uma casa de lacaios diplomadós para o serviço dos mandões da aldeia ou da cidade.

S. s. poderá lembrar ao Govêrno que o Estado deve dar ao povo um ensino integral e não o simples *lêr, escrevêr e contar* do curso preliminar; poderá lembrar ao govêrno que as creanças pobres, ao deixar a 4.º anno preliminar, ficam sem escolas, não podendo, portanto completar a sua instrucção primaria, que, em toda parte do mundo, vai, dos *sete annos* ou *oito*, até aos *dezoito*.

Para o conseguir, bastará, apenas, restabelecer o art. 53 da lei n. 88, de 8 de setembro de 1892, que divide o ensino primario em dois cursos, tirando da escola *complementar* o caracter profissional. E o povo lhe agradecerá.

O QUE DIZEM DE NÓS

« Repousa em nossa banca de trabalho o n. 3 de *Revista de Ensino*, importantissimo magazine, organ da Associação Beneficente do Professôrado Publico de S. Paulo.

Prenhe de artigos competentemente lançados, o illustrado collega vem prestar innumerados e relevantissimos serviços ao estudo da lingua vernacula.

Agradecidos pela gentileza da visita, iremos retribuil-a e antecipamos votos pela sua prosperidade. »

(Do *Anapurú*, de Brejo, Maranhão).

A *Comarca*, de Mogymirim, um dos melhores e mais bem impressos jornaes do nosso Estado, cuja falta sempre lamentamos em nossa mesa de trabalho, transcreveu os bellos versos do nosso collaboradôr — sr. Antonio Peixoto — sobre o Marechal Deodoro.

Parahyba, 25 de novembro de 1908

Illustre Cidadão prof.

Augusto Ribeiro de Carvalho.

Muita satisfação teriamos si nos fosse dado, sob vossa iniciativa, conservar na bibliotheca do « Estado da Parahyba » todos os numeros da *Revista de Ensino*, desde a sua creação.

No genero, não nos occorre a ideia de jamais termos lido uma publicação tão excellente, como sóe ser a *Revista de Ensino*, que se edita nesse prospero Estado, sob a vossa criteriosa e intelligente direcção.

Confiante de que seremos attendidos, aproveitamos o ensejo para vos offerer o mesmo modo os nossos prestimos.

Com estima

de v. s.
am. e cr.,

F. ASSIS VIDAL.

« Secretaria do Club Militar ».

Capital Federal, 2 de novembro de 1909. N. 166.

Ex.mo sr.

Augusto Ribeiro de Carvalho,
digno redactôr secretario

da *Revista de Ensino*, na cidade de

S. Paulo.

Accuso, penhorado em extremo, a recepção dos dois primeiros numeros da *Revista de Ensino*, anno VII, publicação certamente destinada a prestar os mais assignalados serviços à sancta causa da instrucção, a que S. Paulo, com geraes applausos do paiz inteiro, presta toda a attenção possivel.

Saude e fraternidade.

LIBERATO BITTENCOURT.

A *Revista de Ensino* agradece a tão bondosas referencias e se forçará para corresponder a tão generosos conceitos.

PUBLICAÇÕES

Confessando-se sempre reconhecida, tem permutado a *Revista de Ensino* com os seguintes organs dos Estados e do estrangeiro:

de Portugal — *Educação Nacional*, do Porto;

de França — *Le Paysan de France*, da Capital;

do Mexico — *La Enseñanza Primaria*, da Capital; *Revista Escolar Chihuahuense*, de Chihuahua;

de Guatemala — *El Guatemateco*, diario official da Republica; *Diario de Centro-America*, da Capital;

do Equadôr — *Boletín de las Escuelas Primarias*, de Guayquil;

da Republica Argentina — *El Magisterio*, *El Monitor de la Educación*, *Común*, *La Higiene Escolar*, de Buenos Aires; *La Escuela Practica* e *Revista de Educación*, *Revista de Instrucción Primaria*, de La Plata;

do Uruguay — *Memoria Correspondiente al año 1907*, da *Dirección General de Instrucción Primaria e Anales de Instrucción Primaria*, da Capital;

do Acre — *O Cruzeiro do Sul*, do Alto Juruá; *O Acreano*, de Xapury;

do Pará — *A Alvorada*, de Belém;

do Maranhão — *Revista Annual*, do Centro Caixeiral, *Phenix*, *Revista Typographica*, *Avante!*, de S. Luiz; *A Comarca* e *O Commercio* de Codó; *O Anapurú* de Brejo e *Jornal do Commercio*, de Caxias;

do Pianhy — *O Commereio*, *A luz*, da Capital;

do Ceará — *Revista «Fortaleza»*, *Revista de Ensino*, *Revista Escolar*, *Revista Andarillica*, de Fortaleza; *Oitonia e Nove*, *O Paladino*, de Baturité; *A Palavra*, de Camocim;

do Rio Grande do Norte — *A Voz de Potyguar*, de Curros Novos;

de Parahyba — *O Estado de Parahyba*, da Capital;

de Pernambuco — *O Missionario*, de Recife;

de Alagôas — *O Gladiante*, *O Popular*, *A Illustração*, de Maceió; *Vinte de Julho*, de Pilar;

da Bahia — *Ad Lucem*, *Boletim*, da Directoria de Agricultura, Viação, Industria e Obras Publicas, da Capital; *A Luz*, de Sancto Amaro;

do Espirito Sancto — *Diario da Manhã*, *Estado do Espirito Sancto*, *O Commercio do Espirito Sancto*, de Victoria;

do Rio de Janeiro — *Tribuna de Petropolis*, *O Izabelense*, de Sancta Isabel do Rio Preto; *O Vagalume*, de Niteroy; *O Brazil*, de Friburgo; *O Sorriso*, de Macahé;

do Districto Federal — *O Magneto*, *Revista Militar*, *O Universo*, *Revista*

de *Medicina*, *Revista Catholica Illustrada*;

do Paraná — *A Escola*, do Gremio do Professorado Publico, de Coritiba; de Sancta Catharina — *O Escolar*, *Gazeta e Commercio* de Joinville; *O Estimulo*, de S. Francisco do Sul; *O Pharol*, de Itajahy;

do Rio Grande do Sul — *O Taquaryense*, de Taquary;

de Matto Grosso — *O Brazil*, de Corumbá; *A Voz do Povo*, de Cuyabá;

de Minas Geraes — *O Monitôr Sul Mineiro*, de Campanha; *O Passageiro*, de Tres Corações do R. Verde; *O Resistente*, de S. João de El-Rey; *Gazeta*, de Ubá; *Gazeta*, de Ouro Fino; *O Commercio*, de S. João Nepomuceno; *O Araguay*, de Araguay; *A Voz do Povo*, de Poços; *O Juvenil*, de Bom Successo; *O Guararã*, de Espirito Sancto do Guararã; *Correio Catholico*, de Uberaba; *Mercantil*, de Palmyra; *O Povo*, de Bicas; *A Propaganda*, de Itapeperica;

de S. Paulo — *Boletim*, da Repartição Demographo-sanitaria, *Germania*, *O Rebate*, *A Verdade e Luz*, *A Nova Cruz*, *Concordia*, *A Revista*, *Nova Revelação*, *O Argus*, *Boletim da Devoção de S. José*, da Capital; *O Mundo Occulto*, *A Cidade*, de Campinas; *A Folha* e *O Jundiayense*, de Jundiay; *Correio do Norte*, do Guaratinguetá; *Cidade*, de Bragança; *Tribuna do Norte*, de Pindamonhangaba; *A Imprensa*, de Araraquara; *Gazeta e Correio*, de S. Carlos do Pinhal; *Tribuna do Povo*, de Araras; *Correio*, de Botucatu; *A Folha* e *Mensageiro*, de Aparecida; *Republica*, *A Cidade*, de Itú; *Quinze de*

Novembro, de Sorocaba; *Gazeta*, de Jcarehy; *A Gazeta do Pinhal*, *A Republica* e *O Pinhalense*, do Espirito Sancto do Pinhal; *A Cidade de S. João* e *A Jardineira*, de S. João da Boa Vista; *A Cidade* e o *Correio Palmeirense*; *O Tempo*, e a *Cidade de Faxina*; *O Municipio*, de Lorena; *O Municipio*, de Pirassununga; *A Cidade*, de Dous Corregos; *O Municipio*, *A Imprensa* e *O Movimento*, de S. Manuel do Paraizo; *O Capivary*, *A Gazeta*, de Capivary; *O Cartel*, de Batataes; *O Correio Brotense*; *O Cravinhos*; *O Tietê*; *Correio do Sertão*, de Avaré; *Imparcial*, de Sertãozinho; *Gazeta*, de Annapolis; *O Mineirense*; *S. João da Bocaina*; *O Porvir*, de S. José do Rio Preto; *Correio do Interior*, de Ribeirãozinho; *A Vera Cruz*, do Gremio Literario Recreativo de Casa Branca; *O Proletario* e o *Rio Pardo*; de S. José do Rio Pardo; *O Escolar*, *A Folha*, *O Arauto*, de Porto Ferreira; *O Diario* e *A Folha da Tarde*, de Sanctos; *Tribuna do Povo*, de Itapetininga; *O Guarapiranga*, de Santo Amaro; *O Tentamen*, de Jahú; *A Comarca*, de Mogy-mirim; *O Cachoeirense*, de Piracicaba e *Il Messagero*, do Amparo.

Apezar, comtudo, de não haver frequencia nas visitas de um e de outro collega; apezar de nos faltar a visita de um e de outro dos confrades mencionados, dos quaes não temos noticias, o que muito nos entristece — ainda lhes enviaremos a *Revista* até ao fim do anno confessando-nos gratos pela cortezia da permuta.

SUMMARIO

	Pags.
<i>A Instrucção Militar</i> , de A. R. de CARVALHO	3
QUESTÕES GERAES	
<i>Ensino Agricola</i> , de JOSÉ A. AZEVEDO ANTUNES	7
PEDAGOGIA PRATICA	
<i>Paginas Civicas</i> , de JOÃO KÖPKE	9
LITERATURA	
<i>Fé, Esperança e Caridade</i> , DE ARLINDO LEAL	14
<i>Sete de Setembro</i> , de CASIMIRO de ABREU	18
<i>O Brinquedo das Côres</i> , de ANTONIO PEIXOTO	19
<i>Tiradentes</i> , de JOSÉ MARIANO DE OLIVEIRA	21
<i>Treze de Maio</i> , de DEMETRIO ALVARES	23
DIVERSOS	
<i>Discurso pronunciado pelo prof. Carlos A. Gomes Cardim</i>	26
<i>Algumas palavras</i> , pelo inspectôr escolar RAMON ROCA DORDAL.	33
<i>Festas escolares</i> , de JOÃO BECKMANN	35
MOVIMENTO ASSOCIATIVO	37
NOTICIARIO	42
ANNUNCIOS	

